

Figura 56

Fico em áreas mais expostas,
 Dispostas, compostas, supostas.
 Sou barato, posso ser caro.
 Não tenho vida longa.
 É no amor que me acabo.

(Marilena Carvalho Araújo)

Descrever sob um ponto de vista diferente

Suponha que você vá descrever uma rua. Existe uma questão fundamental no que se refere à maneira de captar as características da rua:

- Qual é a perspectiva pela qual você observa a rua?
- Você está parado diante dela?
- Ou está andando por ela?
- Ou está no alto de um edifício?
- Ou por trás da fresta de uma janela?
- Ou abaixo do nível da rua, dentro de um buraco?

A sua descrição, portanto, dependerá muito da perspectiva pela qual você – sujeito percebido – aborda a rua, isto é, o objeto percebido.

Imagine um outro exemplo: você vai descrever um circo. De onde, por exemplo, você está vendo e sentindo o circo? Do meio das arquibancadas? Da primeira fila das cadeiras? De um buraco na lona? Ou – abrindo outras perspectivas – você está no alto de um trapézio? Ou você é o vendedor de pipocas? Ou o palhaço? Você pode até se imaginar como um dos animais do circo: o leão, o macaco, o elefante...

Atividades

1. Escolha um objeto qualquer e descreva-o empregando o método do estranhamento do objeto. Em seguida, leia o texto para os colegas e ouça os deles. O importante é que os objetos descritos não sejam desvendados nem muito rápido nem muito devagar.
2. Escolha um ambiente qualquer para perceber e descrever. Pode ser uma rua, um circo, um parque de diversões, um jogo de futebol ou sua escola. Depois encontre uma perspectiva original para revelar dimensões novas na percepção do ambiente escolhido.

A primeira atividade (Figura 54) objetiva desenvolver a imaginação do aluno, completando as comparações com originalidade. Esse exercício não desenvolve a competência redacional tampouco linguística, visto que não se pede para elaborar textos em que essas comparações podem estar inseridas. Segundo, não se podem limitar os recursos articulados em uma sequência descritiva somente a comparações, pois há outros recursos linguísticos articulados na operação de relação de um referente descrito, como as metáforas e as metonímias.

Ainda no mesmo capítulo, na segunda atividade, na seção “Em Tom de Conversa” (Figuras 54, 55 e 56), é proposta pelos autores uma atividade de leitura, organizada em quatro itens. Essa atividade, contudo, não desenvolve a competência leitora do aluno, pois não há perguntas de interpretação de textos e nem questões sobre a sequência descritiva nos textos, que viriam possibilitar do aluno um maior conhecimento sobre essa sequência textual. Não se exploram, também, os gêneros textuais. Simplesmente, há um jogo de adivinhação sobre os objetos descritos, não contribuindo em nada para o desenvolvimento do ensino da sequência descritiva nem para as competências leitora e redacional. Mais uma vez, o objetivo da atividade é o de, apenas, desenvolver a imaginação do aluno.

Dando continuidade à abordagem sobre o ensino da descrição, os autores apresentam outro aspecto – o ponto de vista do descritor - sob o título de “Descrever sob um ponto de vista diferente” (Figura 56). Nesta seção, são feitas algumas perguntas e apresentam-se dois exemplos de como se descrever sob pontos de vista diferentes.

Na realidade, há uma mistura de abordagens, pois há perguntas e exemplos sobre os tipos de descrição quanto ao **ângulo de visão do observador**, ou seja, no qual o observador se encontra estático ou em movimento ao descrever o objeto descrito (“você está parado?”); há perguntas e exemplos que envolvem o **ângulo de observação de quem descreve** (ele está na frente, por trás, do alto) em relação ao objeto descrito. Essa perspectiva do observador no ato de descrever deveria ser trabalhada de uma forma mais didática, partindo de diferentes textos com sequências descritivas, que exemplificassem esses tipos de atos de descrever a serem analisados.

Na seção “Atividades”, há três propostas de produção textual (Figura 56). Na Atividade 1, o objetivo é desenvolver a imaginação e a socialização do aluno e não a competência redacional e discursiva descritiva. Não há nenhum comando sobre a construção da sequência descritiva e o gênero textual a ser desenvolvida essa sequência.

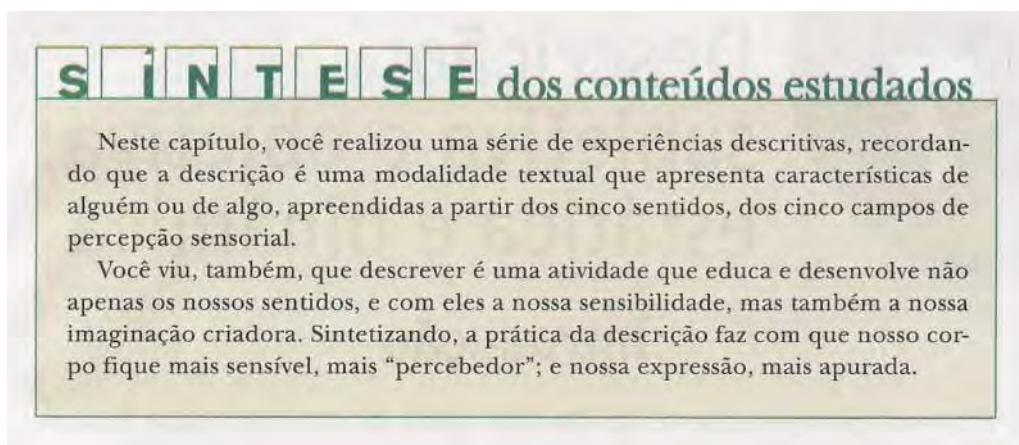
Na Atividade 2, o objetivo é desenvolver a criatividade do aluno a partir da visão de quem descreve, apresentando uma perspectiva diferente sobre o objeto descrito. Somente isso. Não há, no comando da questão, nenhuma orientação sobre os recursos linguísticos que podem ser articulados na construção da sequência descritiva como adjetivos, verbos de estado e de ação, comparações, metáforas e metonímias e nem sobre o estoque lexical a ser utilizado, que aponta um posicionamento do observador- descritor.

Na Atividade 3, a proposta é um pouco absurda, pois é solicitado que se escreva um texto de 20 linhas, descrevendo-se objetos do cotidiano inviáveis para se desenvolver uma sequência

descritiva com o número de linhas pedido, como um fio de cabelo ou um palito de fósforo. Há mais duas opções: descrever uma pessoa da infância e descrever de olhos fechados.

Observa-se que as opções apresentadas atendem a objetivos distintos. Também não há orientações sobre a elaboração das sequências descritivas, articulando uma linguagem mais subjetiva ou objetiva. E, mais uma vez, trabalha-se a sequência descritiva como uma tipologia de texto (descrição) e não como uma sequência textual presente em diversos gêneros textuais. No final do capítulo, há uma síntese do que foi abordado.

Figura 57



Observa-se que o texto contido na síntese apresenta os objetivos da abordagem do ensino da descrição no capítulo: desenvolver a sensibilidade, aprender a descrever através dos aspectos sensoriais e recordar que a descrição é uma tipologia textual que caracteriza algo ou alguém. Não se menciona a função argumentativa da sequência descritiva.

O próximo capítulo do livro, o capítulo 7, trata, novamente, da descrição subjetiva e objetiva, estática e dinâmica. O capítulo é iniciado por meio da retomada dos textos do capítulo anterior a fim de se analisar o ponto semelhante entre as descrições, como se vê a seguir.

Figura 58

capítulo
7

Descrição: subjetiva e objetiva; estática e dinâmica

Introdução

Já vimos que o ponto de vista do observador diante do objeto observado é um fator de importância fundamental na criação de uma descrição. De acordo com ele, e com os elementos contextuais que você já conhece, o nosso texto pode ser predominantemente objetivo ou subjetivo, como veremos ao longo deste capítulo.

A descrição subjetiva

Vamos retomar duas descrições lidas no capítulo anterior, para descobrir uma semelhança fundamental entre elas. Leia-as atentamente e procure identificar de que semelhança se trata.

Somos muitos Severinos iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande que a custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas, e iguais também porque o sangue que usamos tem pouca tinta.

João Cabral de Melo Neto. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 171-2.

[...] O Major Saulo, de botas e esporas, corpulento, quase um obeso, de olhos verdes, misterioso, que só com o olhar mandava um boi bravo se ir de castigo, e que ria, sempre ria – riso grosso, quando irado; riso fino, quando alegre; e riso mudo, de normal.

Guimarães Rosa. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 199. v. 1.



Dida Sampaio/AE

Figura 59

As duas descrições lidas apresentam um importante traço comum, com relação ao modo como foram escritas. Ambas são literárias, isto é, utilizam uma linguagem especial, a primeira em poesia e a segunda em prosa.

No primeiro caso, Severino constitui um personagem coletivo que representa milhares de retirantes nordestinos, expulsos da terra natal por falta das mais elementares condições de vida. Para tematizar a miséria e o abandono em que vive este personagem, João Cabral de Melo Neto escreveu o poema dramático “Morte e vida severina”, utilizando grande riqueza de imagens, belos efeitos plásticos, rítmicos e sonoros, com os quais busca a sensibilização da solidariedade humana do leitor.

No segundo caso, o Major Saulo corporifica um dos personagens misteriosos e metafísicos que atravessa a obra *Sagarana*, de João Guimarães Rosa. Suas características, marcadas por contrastes entre truculência e lirismo, ilustram as narrativas míticas e poéticas que imortalizaram o escritor.

Os textos de João Cabral de Melo Neto e de João Guimarães Rosa ilustram a **descrição subjetiva**, a qual pressupõe uma postura de **proximidade emocional do sujeito em relação ao objeto descrito**. Nela predomina, portanto, uma percepção caracterizada pelas sensações, sentimentos e opiniões do enunciador.

No caso específico das descrições literárias, podemos afirmar que elas criam, instituem os objetos, no sentido mais amplo da palavra, dando-lhes existência estética, e assim permitindo que povoem nossa imaginação e sensibilidade.

A explicação didática apresenta como ponto comum entre as sequências descritivas analisadas a linguagem literária. Há um equívoco nessa afirmativa, pois a linguagem literária não é o ponto comum entre as sequências descritivas e sim entre os textos, já que esses são fragmentos de obras literárias.

Outra questão a ser observada é o espaço no penúltimo parágrafo destacado entre chaves na Figura 59 – os autores falam de “proximidade emocional do sujeito em relação ao objeto descrito”, embora tal expressão seja muito vaga. Além disso, no texto de João Cabral de Melo Neto, embora seja o próprio personagem Severino que relate a sua vida de retirante, ele procura retratá-la de forma bem objetiva, ou melhor, bem realista, para que o leitor tenha uma visão crítica da realidade retratada.

Conforme já exposto anteriormente nesse mesmo subitem, o sujeito poético se posiciona a partir de um prisma de forte engajamento político-social, por meio da articulação de uma linguagem objetiva (“cabeça grande”, “ventre crescido”, “pernas finas”), com exceção da metáfora “o sangue que usamos tem pouca tinta”. Portanto, não é uma descrição subjetiva e sim, predominantemente, objetiva.

É preciso que não se confunda uma sequência descritiva subjetiva, que articula recursos linguísticos como metáforas e vocábulos com sentido conotativo, com um posicionamento do observador descritor, inerente ao ato de descrever, mesmo quando descreve de forma objetiva.

Por sua vez, no texto de Guimarães Rosa, há, na sequência descritiva, uma mistura de linguagem objetiva (“olhos verdes”, ”corpulento”, “um obeso”, “ria, sempre ria”) e subjetiva (“o olhar mandava um boi bravo se ir de castigo”, “riso grosso, quando irado”, ”riso fino, quando alegre”, ”riso mudo”). Porém, observa-se que a sequência descritiva é mais subjetiva do que objetiva, levando-se em consideração o recurso articulado da linguagem metafórica, sinalizando a intencionalidade do narrador-observador que pretende criar uma imagem de ser misterioso para o personagem Major Saulo.

Dando prosseguimento à análise, na seção “Atividades”, há duas propostas: a primeira pede para o aluno descrever uma palavra de que ele goste e, a segunda, para escolher um dos sentimentos e descrevê-lo subjetivamente.

Figura 60

Atividades

1. Escolha uma palavra de que você goste, tanto por sua sonoridade quanto por seus significados, e faça uma descrição subjetiva dessa palavra, mostrando o que ela é para você.
2. Com base no fragmento a seguir, escolha um dos sentimentos elencados e descreva-o subjetivamente.

[...] Amor: eu vos amo tanto. Eu amo o amor. O amor é vermelho. O ciúme é verde. Meus olhos são verdes. Mas são verdes tão escuros que na fotografia saem negros. Meu segredo é ter os olhos verdes e ninguém saber.

Clarice Lispector. *Os melhores contos de Clarice Lispector*.
Walnice Nogueira Galvão (Sel.).
São Paulo: Global, 1996. p. 16.

A insegurança A vergonha A culpa
A alegria A esperança

É interessante observar que as duas propostas trabalham a descrição como uma tipologia de texto e não como sequência descritiva do tipo subjetiva. Ressalta-se que o livro não aborda os recursos linguísticos que podem ser articulados na construção de uma sequência descritiva subjetiva, como algumas figuras de linguagem e, também, não ensina as operações que estruturam a sequência descritiva, a saber: a aspectualização (a qualificação e a

fragmentação) e a relação (de contiguidade, trabalhando a metonímia, e de analogia, trabalhando metáforas e comparações).

Dando continuidade, o capítulo aborda a descrição objetiva, iniciando o estudo com um texto, que é uma reportagem, dizendo ser um exemplo de descrição objetiva e, após o texto, apresenta um comentário sobre esse, conforme a Figura 61, a seguir.

Figura 61

A descrição objetiva

Continuando nosso trabalho sobre a importância do ponto de vista do observador diante do objeto observado, vamos estudar um exemplo de descrição objetiva.

Aridez do sertão conserva sítios arqueológicos e paleontológicos

Entre os destaques está a Pedra de Ingá, com 24 metros de comprimento por 3,8 metros de altura


INGÁ – Sai governo, entra governo e o sertão segue invariavelmente relacionado à seca, pobreza, sofrimento. Mas o mesmo sol escaldante que evapora as esperanças dos sertanejos e a mesma terra quebrada pela falta de irrigação preservaram uma riqueza de valor inestimável no interior do Nordeste. A Paraíba, por exemplo, abriga sítios arqueológicos e paleontológicos que, aliados a formações geológicas curiosas, convencem qualquer turista de que um roteiro alternativo pode, sim, passar ao largo da bela costa. Além do mais, o cariri pernambucano tem lá sua beleza, à margem dos padrões tradicionais.

Inscrições rupestres feitas há milhares de anos, pegadas de dinossauros e ossos fossilizados são algumas das surpresas escondidas no interior do Estado. Só se alcançam tais lugares depois de se embrenhar pelo agreste, num trajeto puxado, por estradas às vezes estreitas, às vezes em obras. No caminho, é bom encontrar tempo para uma pausa, para observar bodes pastando e calangos cruzando a estrada, para experimentar o fruto do cacto xiquexique ou para fotografar uma flor exótica, como a do mandacaru (lindíssima!). [...]

Itacoatiaras – O maior monumento arqueológico do Brasil, com 24 metros de comprimento por 3,8 metros de altura, fica num sítio arqueológico no município de Ingá, a cerca de 90 quilômetros da capital paraibana. A Pedra de Ingá completa um conjunto de rochas com inscrições rupestres, chamadas itacoatiaras (pedras riscadas, em tupi), e assenta-se junto das águas do Rio Ingá de Bacamarte. O imenso e intrigante monólito traz em quase toda sua superfície figuras humanas, animais, espirais, plantas, cruzes e estrelas, entre outros tantos desenhos, muitos indecifráveis, apesar do esforço de geólogos, historiadores e arqueólogos.

As inscrições aparecem em depressões de quase 1 centímetro de profundidade. Na verdade, os sulcos já tiveram até 3 centímetros, mas as ações do tempo e do homem contribuem para sua degradação.

O monumento foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), mas apenas uma corda precária preserva o bloco das mãos curiosas de certos visitantes. [...]

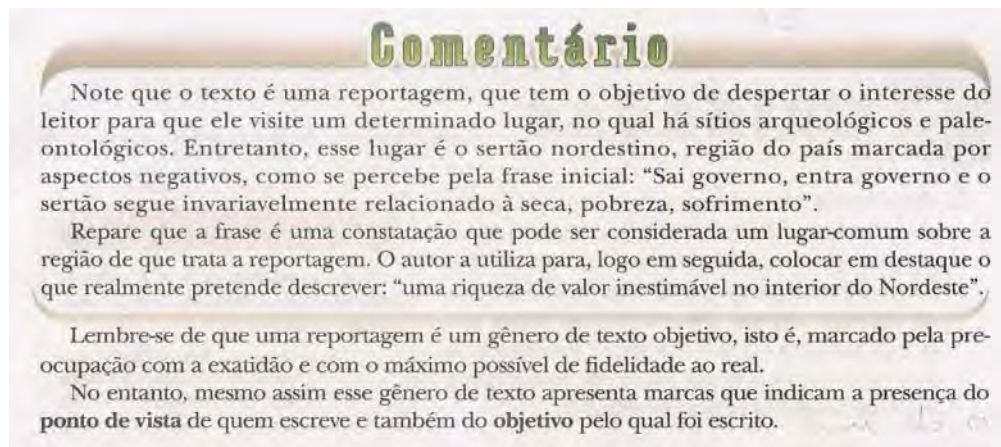


Rubens Claves/Pulsar

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 26 nov. 2002. Caderno de Viagem e Turismo.

No comentário sobre o texto, há a afirmação que essa é uma reportagem e tem o objetivo de despertar o interesse do leitor para que visite o local descrito, conforme a Figura 62 a seguir.

Figura 62



Faltou acrescentar, nesse comentário, que essa reportagem apresenta esse objetivo, porque é um texto de um caderno de Viagem e Turismo do jornal *O Estado de São Paulo*, caso contrário, o aluno poderá pensar que o gênero reportagem é um texto persuasivo, que busca convencer o leitor e não o é, visto ser informativo. O objetivo da reportagem é informar, ou seja, visa a fazer saber.

Outro equívoco dos autores do livro é o de afirmar que a reportagem é um texto objetivo que apresenta marcas do posicionamento de quem escreve e do objetivo pelo qual foi escrito. Ressalta-se que essas marcas não são do gênero reportagem e sim de qualquer texto, segundo a concepção bakhtiniana de que todo enunciado apresenta uma dimensão dialógica, sinalizando, assim, uma posição do enunciator.

Na seção “Em Tom de Conversa”, há três propostas, conforme a Figura 63, a seguir.

Figura 63

Em tom de *IMPASSIBILIDADE*

C O N V E R S A

1. Releia o primeiro parágrafo do texto e comente com os colegas as passagens em que percebemos marcas da subjetividade do autor, ou seja, das intenções pelas quais escreve.
 “[...] Mas o mesmo sol escaldante que evapora as esperanças dos sertanejos e a mesma terra quebrada pela falta de irrigação preservaram uma riqueza de valor inestimável no interior do Nordeste. A Paraíba, por exemplo, abriga sítios arqueológicos e paleontológicos que, aliados a formações geológicas curiosas, convencem qualquer turista de que um roteiro alternativo pode, sim, passar ao largo da bela costa. Além do mais, o cariri pernambucano tem lá sua beleza, à margem dos padrões tradicionais”.
2. Por que as passagens identificadas apresentam uma seleção vocabular de valor positivo, em meio à desolação da terra dos sertanejos?
3. Tendo em vista o objetivo do texto, explicitado no primeiro parágrafo, comente quem são os prováveis leitores a quem o autor se dirige e, para justificar sua opinião, utilize o suporte em que a reportagem foi produzida.

Podemos concluir que, mesmo num texto objetivo como uma reportagem, há indícios ou marcas reveladoras tanto do ponto de vista do autor quanto do seu objetivo, ao escrever.

A descrição objetiva tende a privilegiar o que é visto, ou seja, o objeto, em detrimento do sujeito que vê. Para isso, ela apresenta:

- **Tom de impessoalidade e dados precisos, exatos.** Exemplo:
 “Itacoatiaras – O maior monumento arqueológico do Brasil, com 24 metros de comprimento por 3,8 metros de altura, fica num sítio arqueológico no município de Ingá, a cerca de 90 quilômetros da capital paraibana.”
- **Nítidez fotográfica e detalhes informativos, pormenores.** Exemplo:
 “A Pedra de Ingá completa um conjunto de rochas com inscrições rupestres, chamadas itacoatiaras (pedras riscadas, em tupi), e assenta-se junto das águas do Rio Ingá de Bacamarte.”

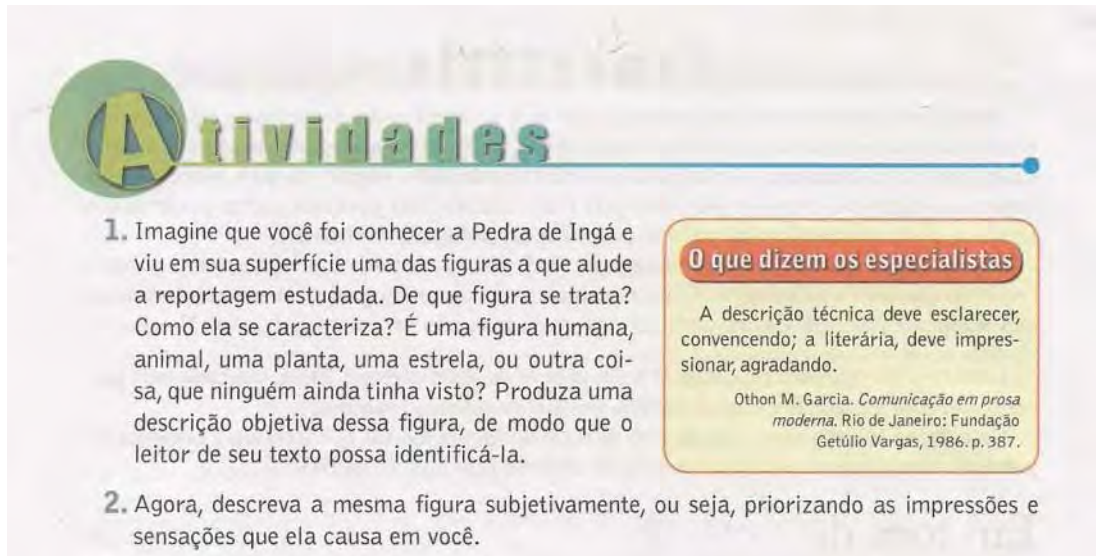
A primeira proposta solicita do estudante a identificação de marcas de subjetividade, de autoria, no parágrafo destacado. Trata-se de uma atividade de leitura que requer do leitor a identificação do propósito comunicativo do texto, considerando as marcas linguísticas que materializam essa autoria. A expressão “uma riqueza de valor inestimável e o comentário entre parênteses “lindíssima!” revelam a posição do enunciador.

Na segunda questão, percebe-se que a proposta é salientar a escolha lexical como recurso argumentativo, orientando o olhar do leitor, pois as expressões identificadas na pergunta anterior marcam o posicionamento do autor.

A terceira questão refere-se a características do gênero textual, não tendo nenhuma relação com o estudo da sequência descritiva, objeto de estudo do capítulo.

Na seção Atividade, há dois exercícios, conforme a Figura 64, a seguir.

Figura 64



Atividades

1. Imagine que você foi conhecer a Pedra de Ingá e viu em sua superfície uma das figuras a que alude a reportagem estudada. De que figura se trata? Como ela se caracteriza? É uma figura humana, animal, uma planta, uma estrela, ou outra coisa, que ninguém ainda tinha visto? Produza uma descrição objetiva dessa figura, de modo que o leitor de seu texto possa identificá-la.
2. Agora, descreva a mesma figura subjetivamente, ou seja, priorizando as impressões e sensações que ela causa em você.

O que dizem os especialistas

A descrição técnica deve esclarecer, convencendo; a literária, deve impressionar, agradando.

Othon M. Garcia. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986. p. 387.

Repare-se que os dois exercícios pedem para descrever o mesmo objeto de forma objetiva e, depois, subjetiva. Portanto, os autores do livro tratam a descrição não como uma sequência textual e sim como uma tipologia textual, seguindo uma concepção tradicional do estudo do texto, a saber: narração, descrição e dissertação.

Acrescenta-se, também, que o livro propõe o estudo da sequência descritiva, mas sem aprofundar esse ensino, pois não são mencionados os recursos linguísticos articulados na estrutura de uma sequência descritiva, tampouco ensina as operações descritivas que a estruturam, segundo Adam(2008), possibilitando, ao aluno, uma maior competência descritiva.

Finalizando, o capítulo aborda a descrição técnica.

Figura 65

A descrição técnica

A descrição técnica, um tipo de descrição objetiva, se caracteriza também pela precisão do vocabulário, exatidão de pormenores e emprego de uma linguagem basicamente denotativa. Vamos ler e comentar um exemplo de descrição técnica.

O motor está montado na traseira do carro, fixado por quatro parafusos à caixa de câmbio, a qual, por sua vez, está fixada por coxins de borracha na extremidade bifurcada do chassi. Os cilindros estão dispostos horizontalmente e opostos dois a dois. Cada par de cilindros tem um cabeçote comum de metal leve. As válvulas, situadas nos cabeçotes, são comandadas por meio de tuchos e balancins. O virabrequim, livre de vibrações, de comprimento reduzido, com têmpera especial nos colos, gira em quatro pontos de apoio e aciona o eixo excêntrico por meio de engrenagens oblíquas. As bielas contam com mancais de chumbo-bronze e os pistões são fundidos de uma liga de metal leve.

Manual de instruções – Volkswagen. In: Othon M. Garcia. Op. cit.

Em tom de

CONVERSA

1. Considerando que o gênero textual é um manual de instruções de um carro, responda: Qual é o objetivo desse texto e a quem se dirige?
2. Identifique qual item a seguir não é um elemento que pertence à estrutura do texto.
 - detalhamento de características;
 - redução de termos técnicos ao mínimo necessário;
 - proximidade do emissor em relação ao objeto descrito.

A descrição técnica é um tipo de descrição caracterizada pelo máximo de objetividade. Nela não se encontram marcas da subjetividade do enunciador do texto.

Observa-se que a definição inicial sobre a descrição técnica afirma que essa se constitui em um tipo de descrição objetiva. Há de se considerar que a sequência descritiva pode ser objetiva ou subjetiva, segundo os procedimentos do observador-descritor, presentes em qualquer gênero textual. Conforme Adam (2008, p.2 16), “não há representação pensada sem um sujeito pensante”. É melhor dizer que há sequências descritivas, que podem ser objetivas ou subjetivas, presentes em textos literários e não literários, como os textos técnicos.

Na seção “Em Tom de Conversa” (Figura 65), apresentada após o comentário sobre descrição técnica, há duas propostas de atividades. A primeira trata do gênero textual manual de instruções. A segunda, porém, apresenta uma incoerência: não é possível identificar se os autores se referem ao gênero textual ou à sequência descritiva.

Seguindo a abordagem sobre descrição objetiva e descrição técnica, os autores introduzem mais uma seção “Atividades”, agora focada nos gêneros textuais currículo pessoal e entrevista, embora persistindo no mesmo tipo de análise desenvolvida para os outros gêneros textuais abordados.

Dando continuidade ao estudo da descrição, os autores finalizam o capítulo abordando a “descrição estática” e a “descrição dinâmica”, conforme a Figura 66 a seguir.

Figura 66

Descrição estática e descrição dinâmica

No Manual de instruções, estudamos um exemplo de descrição estática, pois o motor foi descrito com ênfase em seus componentes, em detrimento do modo como se movimentava.

Na descrição dinâmica, por sua vez, o objeto descrito se move, em fases ou etapas que dão ao leitor a ideia de processo.

Este tipo de descrição costuma ser utilizado para mostrar o funcionamento de aparelhos, mecanismos ou procedimentos, como por exemplo um trabalho de pesquisa ou um relatório técnico.

Além disso, a descrição dinâmica serve para dar instruções quando nosso objetivo é descrever ações ou processos a serem realizados, o que ocorre em textos que denominamos instrucionais ou prescritivos.

Como os próprios nomes indicam, os textos prescritivos ou instrucionais são aqueles que prescrevem (indicam, receitam, ordenam) e instruem (ensinam), como as receitas, os manuais de montagem ou de uso, as bulas, os regulamentos, regimentos, estatutos, as regras de jogo...

Leia um exemplo de paródia de uma receita.

Receita para tirar cavalo da chuva

Ingredientes:

- um cavalo
- uma chuva.

Modo de preparar:

pega-se um cavalo que esteja na chuva e, usando persuasão ou força, obriga-se o animal a se dirigir a um lugar seco, onde deverá ficar até que a chuva passe.

Modo de usar:

são inúmeras as vantagens de tirar um cavalo, qualquer cavalo, da chuva, de qualquer chuva. Chuva e cavalo podem se misturar, mas há que tomar cuidado para não prejudicar a natureza dos ingredientes, ficando o cavalo molhado demais e a chuva, que deveria fecundar o solo fazendo nascer o trigo e as flores do campo, ficar molhando inutilmente um cavalo que não produz flores nem trigo.


Outro mérito de se tirar o cavalo da chuva, sobretudo para quem não dispõe de um cavalo, mas está sujeito a chuvas e trovoadas, é fazer o que deve ser feito, ou seja, tirar o cavalo da chuva e, se possível, tirar-se a si mesmo da chuva, não necessariamente em cima do cavalo, mas “ao lado” [...].

Recomenda-se tirar o cavalo da chuva em ocasiões especiais, como em votações no Congresso, prorrogações de medidas provisórias, reescalonamento de dívidas públicas, cargos e funções. É preferível tirar o cavalo da chuva, mantendo-o enxuto, do que enxugá-lo depois de molhado. Mas convém não exagerar, e a pretexto de enxugar o cavalo molhado pela chuva, enxugar os orçamentos da saúde, da educação, dos transportes, da segurança.

Como servir:

com o cavalo tirado da chuva, pode-se fazer muita coisa ou nada fazer. Em ocasiões mais solenes, o melhor é montá-lo e partir em todas as direções.

Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 9 set. 2003.



A colocação feita sobre descrição estática e dinâmica fica presa ao gênero textual manual de instrução, mas tanto a sequência descritiva estática ou dinâmica podem aparecer em outros gêneros textuais. Essa informação deveria ser dada anteriormente, propiciando uma abordagem mais adequada sobre o estudo das sequências textuais nos gêneros textuais.

É um equívoco afirmar que a descrição dinâmica serve para dar instruções quando o objetivo é descrever ações ou processos a serem realizados, como demonstram os textos instrucionais e

prescritivos. Pode-se encontrar uma sequência descritiva dinâmica no gênero relato de viagem, por exemplo.

Após essa explanação sobre descrição estática e dinâmica (nomenclatura dos autores do LDP), é apresentado um artigo de opinião de autoria de Carlos Heitor Cony, intitulado “Receita para tirar cavalo da chuva”, afirmando-se que esse seria uma paródia do gênero textual receita culinária.

Essa classificação é equivocada no que se refere ao texto do ilustre autor, pois o que há é uma intertextualidade genérica (KOCH, 2007), em que um texto de um gênero se apropria das características de outro gênero textual, no caso, o artigo de opinião se apropria dos elementos do gênero receita culinária. Não há, entretanto, nenhuma orientação para o aluno sobre o trecho da receita em que há a presença da sequência descritiva.

Na seção “Em Tom de Conversa”, apresentada após o texto, há três questões, sendo duas sobre interpretação textual e a terceira sobre os gêneros textuais que estabelecem intertextualidade, conforme figura 67.

Figura 67

Em tom de
C O N V E R S A

Em geral, a receita culinária apresenta uma enumeração dos ingredientes utilizados na feitura de determinado prato e, em seguida, descreve as ações necessárias para que esse prato fique pronto e seja servido.

No texto, o autor utiliza ironicamente a estrutura da receita para falar de outro assunto, como se percebe desde o tom jocoso do título: “Receita para tirar cavalo da chuva”.

1. Na sua opinião, qual o assunto do texto?
2. “Tirar cavalo da chuva” é uma expressão de cunho popular que significa que alguém deve desistir de alguma coisa, pois as condições propícias para realizá-la estão distantes, ou seja, “a chuva vai demorar a passar”.
A relação entre essa expressão e o assunto do texto é dada por meio de analogia ou por antítese?
3. Quais são as semelhanças estruturais entre o texto e a receita culinária?

Observa-se que a contextualização feita antes das perguntas é sobre a estrutura do gênero receita culinária. Todavia, quando se fala em enumeração dos ingredientes, não se menciona essa como um recurso da sequência descritiva. Em realidade, as questões não abordam, efetivamente, o ensino da sequência descritiva.

Na seção “Atividades”, há cinco propostas. A primeira pede que o aluno descreva ações fundamentais para realizar um objetivo, conforme figura 68, a seguir.

Figura 68

1. Inspirado no texto a seguir, pense num objetivo, numa meta que julga importante conquistar neste momento de sua vida. Depois, faça o que se pede.

Preciso fundar em mim a disciplina da fidelidade. Preciso aprender a ser fiel a mim mesmo, às verdades que me são reveladas e que eu busco, num certo sentido, esquecer e malcurar, pois nenhuma tarefa é tão pesada como a de pastorear o ser das coisas que a nós se revela. Preciso aprender a trabalhar, com método calmo e transparente amor. A revelação, a iluminação, nada mais representam do que o bloco de pedra a partir do qual se há de arrancar a escultura. Preciso aprender a tornar-me o escultor cotidiano, aquele que acorda e dorme a sua obra, no desfilar dos dias que se sucedem, com paciência e silenciosa paixão [...]. Preciso fluir, manar, desdobrar-me, descobrir-me, preciso permitir que as águas venham da rocha profunda. Pois só na medida em que as águas surgem é que elas renovam. Do fluir decorre a fluência. [...] Estou certo de que só o criar alimenta e restaura a capacidade da criação.

Hélio Pellegrino. *Lucidez embriagada*.
São Paulo: Planeta do Brasil, 2004. p. 15.

a) Escreva um texto no qual descreva as ações fundamentais a que você precisa se dedicar para conseguir realizar o objetivo que você estabeleceu.

b) Reescreva seu texto, colocando-o em 3ª pessoa, isto é, selecionando, entre as ações que escolheu, aquelas que, em sua opinião, servem para qualquer pessoa interessada em realizar uma meta igual ou semelhante a pensada por você.

Mais uma vez, observa-se que os autores abordam a sequência descritiva como um tipo de texto (narração, descrição e dissertação). Além disso, não há nenhuma orientação para o aluno sobre o planejamento do texto, ou seja, como organizar essas ações que serão descritas e que recursos linguísticos podem ser articulados na construção da sequência descritiva como os verbos nocionais.

Observe-se na Figura 69 a seguir, a segunda proposta sugerida.

Figura 69

LEMBRETE: Fique atento ao fato de que você vai descrever ações, ou seja, vai realizar uma descrição de processo. A ideia de processo implica que o texto escrito apresente uma sequência progressiva. Sendo assim, pense na seleção, na ordem e na progressão das ações que você vai enumerar, em função da necessidade delas para o cumprimento da meta ou do objetivo que escolheu.

2. Com base no exemplo a seguir, descreva um objeto que você gostaria de vender, imaginando publicar o seu texto no jornal do lugar onde mora.

VIDEOGAME

O equipamento possui 128 bits, aceita mídias CD-ROM e DVD-ROM, possui 2 entradas para controles, usa Memory Card.

O processador (CPU) é Emotion Engine, com velocidade de 300 MHz. Já o processador gráfico (GPU) é um Graphics Synthesizer, com velocidade de 147 MHz.

A resolução máxima do videogame é de 1280 X 1024 Pixels e a memória RAM é de 32 megabytes. Possui 48 canais de som. É compatível com CD e DVD, porém não é compatível com VCD.

Apresenta conexão Ethernet e saída USB, porém não contém Bluetooth.

Contém saída para cabo i.Link e suporte para S-Vídeo (não tem suporte para HDTV).

É fabricado nas cores: amarelo, azul, branco, cinza, preto e vermelho.

A alimentação de força é de 110 V.

Apresenta as seguintes dimensões: 301 mm de largura, 78 mm de altura e 182 mm de profundidade. Pesa 2,4 kg.

Possui garantia de 12 meses.

Estão inclusos como acessórios um cabo multi A/V, um cabo de força e controle Dualshock 2, porém não vem com jogos na memória.



Fonte de pesquisa:
<http://compare.buscapes.com.br/prod_ficha?id=1499&pos=3>

Na segunda proposta, é solicitado que se descreva um objeto que se pretende vender. Nesse exercício, aborda-se outro gênero textual: anúncio classificado. Porém, não se diz nada sobre esse gênero nem sobre a relevância da sequência descritiva como estratégia de argumentatividade nesse gênero para persuadir o leitor.

Observam-se, na figura 70 a seguir, as demais atividades propostas.

Figura 70

3. Leia o texto e, em seguida, reescreva-o, procurando transformá-lo numa descrição objetiva.

Chegou a lavadora “Apolínea Clean”!

Ela lava o que é confuso, deixando tudo claro, transparente, dando uma gostosa sensação de realidade!

A lavadora “Apolínea Clean” é a única que vem com um processador mental sob medida pra você que quer parar de ser tragada pelas próprias paixões!

A lavadora “Apolínea Clean” tira das suas roupas aquelas manchas de alegria; a textura do aconchego; ou mesmo a aspereza de algumas lembranças!

Tome você também um banho gelado de razão! Pendure no varal de sua casa somente a justiça, a coragem e a moderação!

Ligue já. Realidade é sempre o melhor negócio.


Ângela Dip. *Por água abaixo: uma comédia filosófica.*
São Paulo: Terra Virgem, 2002.

4. UFC-CE

O avanço tecnológico está possibilitando que haja, entre as pessoas, comunicação das mais diferentes formas. Por isso, os fabricantes estão investindo, constantemente, no aperfeiçoamento de seus produtos e na melhoria de seus serviços. Assim, colocam no mercado equipamentos com modelos e recursos cada vez mais diversificados.

Isso faz parecer que as próprias máquinas estão em eterna concorrência.

Revista *Veja*, 20/6/2001.



Produza um texto em primeira pessoa em que o telefone celular faz sua própria descrição, na tentativa de mostrar sua superioridade em relação ao computador.

5. Após a elaboração da produção do exercício anterior, responda: você produziu uma descrição predominantemente subjetiva ou objetiva? Por quê?

S I N T E S E dos conteúdos estudados

O capítulo estudado amplia e diversifica bastante o que você já conhecia sobre descrição. Nele, você realizou atividades que sistematicamente o (a) levaram a relacionar o texto a ser produzido com os elementos contextuais nele implicados.

Você praticou, assim, a descrição subjetiva, a descrição objetiva, a descrição estática e a descrição dinâmica, percebendo como um texto pode ser predominantemente subjetivo ou predominantemente objetivo; como num texto objetivo podem aparecer ou não marcas da subjetividade do enunciador. Da mesma forma, viu que uma descrição predominantemente estática pode apresentar elementos dinâmicos e vice-versa.

Sintetizando, este capítulo destacou as implicações contextuais, da descrição, mostrando que, assim como não pode haver texto sem leitor, não há texto sem contexto. Quer dizer, os elementos contextuais determinam o gênero de texto a ser produzido.

Na questão três, solicita-se que seja reescrito o texto, transformando-o em descrição subjetiva (nomenclatura do livro). Não se menciona que o texto é outro gênero textual, a propaganda.

Além disso, a proposta de transformar a descrição subjetiva do texto em descrição objetiva é inviável, já que o objeto descrito não é real, concreto, problematizando essa transformação.

A questão quatro propõe uma elaboração de texto, em que um celular faça a sua própria descrição. Esse exercício tem como objetivo maior o desenvolvimento da criatividade do aluno mais do que o objetivo de melhorar a competência redacional de saber elaborar uma sequência descritiva. Inclusive, não se menciona o gênero textual a ser elaborado, o que corrobora a concepção do livro de tratar a sequência descritiva com uma tipologia de texto (narração, descrição e dissertação).

A última questão é uma pergunta sobre a descrição feita no exercício anterior: se é objetiva ou subjetiva. Pede-se que justifique. A pergunta é mal formulada, porque induz o aluno a pensar que ou se faz uma descrição subjetiva ou objetiva, fato esse equivocado, pois é possível mesclar sequências descritivas objetivas e subjetivas, simultaneamente, ao descrever algo ou alguém. Mais uma vez a abordagem da descrição é limitada, pois não se aprofunda o estudo dessa como sequência textual, ampliando a competência redacional do aluno.

Finalizando o capítulo, há uma síntese teórica sobre os conteúdos estudados (Figura 70). A explicação apresentada na síntese é que houve uma ampliação do ensino da descrição. Em realidade, o que se disse sobre a descrição já é abordado tradicionalmente. Assim, observa-se que o tratamento dado à sequência descritiva, no livro, é tradicional, não havendo, portanto, uma proposta de se ensinar a analisar a estrutura da sequência descritiva por meio de suas operações, possibilitando ao aluno analisar textos provenientes de diferentes situações discursivas.

2.2.3 Resultados finais da análise de *corpus*

Após a análise realizada sobre a abordagem da sequência descritiva nos livros didáticos do Ensino Médio, pode-se afirmar que o ensino dessa sequência textual não é relevante, da forma que é apresentada, visto que, dos oito livros, só quatro oferecem a sequência descritiva como estudo e somente no volume um, respectivo ao primeiro ano do Ensino Médio. No livro *Viva Português*, volume único, que atende às três séries, o ensino da sequência descritiva só aparece em dois capítulos. Esses dados foram mostrados nos quadros sinóticos, apresentados no item 2.2, “Constituição do *corpus*”.

Ressalta-se, também, que o ensino da sequência descritiva aparece, praticamente, inserido em, apenas, uma seção dos capítulos que foram analisados, salvo o livro *Novas Palavras*, no qual a sequência descritiva é abordada em dois capítulos, constituindo-se o tema desses capítulos. Contudo, a abordagem do livro é confusa, pois, ao teorizar, usa a terminologia tipologias textuais, tratando a descrição como uma das tipologias(sequências) que compõem um gênero textual, mas, tanto nas características apresentadas como nos exercícios propostos, essa é tratada de forma tradicional, sendo considerada um tipo de texto e não uma sequência que compõe a heterogeneidade de um dado texto.

Outro fato observado é que a abordagem do ensino da sequência descritiva nos livros didáticos do Ensino Médio é, praticamente, a mesma, seguindo uma concepção tradicional, que se limita a ensinar **o que é** e **como é** descrever: apresenta-se a definição(descrever é caracterizar seres, objetos e lugares), os **tipos** de descrição (de personagens, cenas e paisagens) e os **modos** de descrever (objetivo, subjetivo, estático e dinâmico). Dos quatro livros analisados, todos seguem essa concepção. Veja-se o quadro a seguir:

Quadro 11

LIVRO DIDÁTICO	ABORDAGEM
<i>Português: Linguagens</i>	Descrição de personagem e de cena; descrição objetiva/subjetiva.
<i>Viva Português</i>	Descrição de personagem; descrição objetiva/subjetiva.
<i>Novas Palavras</i>	O que é descrição; os sentidos. Descrição objetiva/subjetiva; descrição de seres, personagens; descrição estática/dinâmica.
<i>Português: Literatura, Gramática e Produção de Texto</i>	Descrever seres, paisagens e conceitos.

Chama-se a atenção para o fato de que algumas funções textuais e discursivas, características da sequência descritiva não são estudadas nos livros, tal como a função argumentativa que atende a uma intencionalidade discursiva e contribui para a construção de sentido no texto.

Também não é ensinada a análise da sequência descritiva, fazendo sua desmontagem por meio das operações descritivas (tematização, aspectualização, de relação e expansão), segundo Adam (2008), possibilitando, ao aluno, um maior aprofundamento sobre essa sequência, melhorando, assim, tanto a competência leitora quanto a discursivo-redacional.

Quanto aos recursos linguísticos, os que são mencionados, em sua maioria, são aqueles abordados tradicionalmente, como adjetivos, locuções adjetivas, verbos de estado e comparações. Outros recursos importantes como os substantivos, os verbos de ação, metonímias, advérbios qualificativos, as metáforas e as metonímias, dentre outros, praticamente não são abordados, fato esse que limita a competência redacional do aluno ao

articular a sequência descritiva na produção de seu texto. Além disso, não é focado o estudo dos tempos e dos aspectos verbais no processo descritivo, como a recorrência do gerúndio, descrevendo o comportamento de um personagem, por exemplo.

Quanto ao campo lexical, pode-se observar que não foi muito explorado nos textos utilizados dos capítulos analisados, para a abordagem da sequência descritiva. Tal fato se apresenta como um entrave ao desenvolvimento da competência descritiva do aluno, visto que o léxico se constitui de vital importância na articulação de qualquer sequência descritiva, por marcar um posicionamento do descritor, exigindo de forma dialógica, do interlocutor, um conhecimento lexical e um conhecimento de mundo partilhado, ativados simultaneamente. Acrescenta-se, também, que a escolha lexical está vinculada à expressividade pretendida pelo articulador do discurso.

Quanto aos gêneros textuais em que a sequência descritiva é estudada, são, em sua maioria, textos narrativos (fábula, crônica, romance, relato de viagem, reportagem, notícia). Também é apresentada em textos instrucionais, mas, nenhum livro analisado aborda-a em textos argumentativos, o que causa surpresa, pois se o foco prioritário dos livros didáticos de Ensino Médio é trabalhar com textos argumentativos, devido à redação cobrada na maioria dos vestibulares ser um texto dissertativo-argumentativo, a sequência descritiva deveria ser estudada em diferentes gêneros opinativos, visto ser, também, um potencial recurso de argumentação.

Quanto aos exercícios formulados sobre a sequência descritiva, restringem-se, basicamente, sobre o referente-descrito (personagem, objeto, paisagem) ou sobre o tipo de descrição (objetiva ou subjetiva). Alguns exploram os recursos linguísticos articulados na sequência descritiva, geralmente adjetivos, locuções adjetivas, verbos de estado e comparações. Ressalta-se que esses estão desvinculados do texto apresentado, ou seja, não são os recursos linguísticos do texto e sim questões “soltas” sobre recursos linguísticos utilizados, comumente, em uma descrição.

Também merece destaque a abordagem proposta para a produção de textos nos livros analisado. O tratamento dado à sequência descritiva reforça a ideia de tipologia textual, ou melhor, de um tipo de composição: narração, descrição e dissertação, segundo uma concepção tradicional. As atividades solicitam aos alunos que façam um texto descritivo, descrevendo um amigo, um objeto ou paisagem, descontextualizado de um gênero textual. Isso corrobora uma abordagem tradicional, que contraria o propósito dos livros cujo enfoque é o do ensino dos gêneros textuais, atendendo aos PCNs.

Ressalta-se que essa atividade de produção de texto deveria ser proposta com a finalidade de o aluno treinar o gênero textual trabalhado no capítulo ou no gênero, em que se aborda o ensino da sequência descritiva no livro, fato esse que possibilitaria ao discente aprender a articular a sequência descritiva na composição de um gênero.

Além disso, o fato de não se trabalhar a sequência descritiva em um gênero textual contraria um dos objetivos propostos no guia de livros didáticos do PNLD-2012 que recomenda “a abordagem mais intensa e sistemática dos gêneros em circulação nas esferas públicas”(Guia do PNLD-2012, p. 11). Ao não se aprofundar o ensino das sequências textuais que estruturam os gêneros, impossibilita-se o aluno de adquirir maior conhecimento dos gêneros textuais, não reconhecendo a coexistência de mais de uma sequência textual na planificação de um texto, a serviço de objetivos discursivos variados.

É importante lembrar, também, que um dos objetivos do Guia de livros didáticos do PNLD 2012 é o de “desenvolver a proficiência do aluno, seja em usos públicos da oralidade, em leitura, em literatura, em produção de gêneros textuais relevantes para a formação escolar, para o ingresso no mundo do trabalho e para o pleno exercício da cidadania”(Guia do PNLD-2012, p.6). Ou seja, de transformar esse aluno em um leitor/produtor textual mais proficiente, de tal forma que esteja esse aluno preparado para atuar em qualquer contexto social e habilitado a lidar com a maior variedade de textos possível.

Conclui-se que o ensino da sequência descritiva nos livros didáticos de Ensino Médio não é relevante, limitando-se a tratá-la, praticamente, como uma técnica de descrever, para dar mais expressividade ao texto. Destarte, há muito que avançar no ensino da sequência descritiva nos livros didáticos de Ensino Médio, devendo-se reservar um espaço maior para estudá-la, propondo uma abordagem sob uma nova perspectiva, ou seja, tratando-a como uma sequência textual, presente em diversos gêneros textuais, sendo um importante recurso na construção do texto e exercendo um papel fundamental na intencionalidade do discurso e na coerência textual.

3 PROPOSTAS DE EXERCÍCIOS PARA O ENSINO DA SEQUÊNCIA DESCRITIVA PARA UM LIVRO DIDÁTICO DE ENSINO MÉDIO

Neste capítulo, são apresentadas algumas propostas de exercícios que possibilitam, ao aluno, um maior conhecimento da estrutura e funcionalidade da sequência descritiva, seguindo os postulados do linguista Adam (2008).

3.1 Algumas considerações sobre as propostas de exercícios

A análise do tratamento dado ao ensino da descrição nos livros didáticos para o Ensino Médio levou-nos a observar que tanto a abordagem da sequência descritiva quanto os exercícios propostos não são suficientes para possibilitar o desenvolvimento do uso discursivo da descrição na construção de diferentes textos. Essa realidade se deve ao fato de a abordagem nos livros didáticos estar restrita a uma tipologia específica: a descrição, ignorando os aspectos discursivos inerentes ao uso do que denominamos, a exemplo de Adam (2008:215), sequência descritiva.

O objetivo neste capítulo é propor um elenco de exercícios textuais, que, respaldados na teoria proposta por Adam (2008), demonstre um aprofundamento discursivo da sequência descritiva em diferentes textos, sejam literários, sejam não literários. Para isso, as atividades propostas, neste capítulo, foram organizadas da seguinte forma:

- a) selecionamos dois textos dos livros didáticos analisados, em que a sequência descritiva está muito presente, e propusemos uma abordagem discursiva para esses textos, sendo um o fragmento de um romance e o outro, uma notícia (textos em que predominam as sequências narrativas);
- b) selecionamos dois textos em que predominam as sequências argumentativas, um editorial e um artigo de opinião, em virtude de três razões. Primeiro, porque os textos apresentados nos livros didáticos no estudo da sequência descritiva são, predominantemente, narrativos. Não há nenhum texto argumentativo. Segundo, para que o aluno possa reconhecer a sequência descritiva como uma estratégia eficaz na construção da argumentatividade do texto. Terceiro, por serem textos da esfera jornalística e propiciarem um maior conhecimento de mundo compartilhado.

As propostas apresentadas neste capítulo estão edificadas na teoria de Adam, considerando os seguintes preceitos teóricos:

1- apresentar os conceitos de tematização, de aspectualização, de relação e de expansão, operações que estruturam a sequência descritiva.

De acordo com Adam (2008), a operação de tematização é a apresentação do objeto-referente a ser descrito. Após a apresentação do tema (referente a ser descrito), seguem-se as operações de aspectualização e de relação e, por último, a de expansão.

A operação de aspectualização é o centro do processo descritivo, pois representa os atributos referentes ao objeto descrito. Essa operação se divide em propriedades, que seriam os atributos da completude (todo) do objeto descrito, e partes (sinédoques), que seriam a fragmentação do todo do objeto descrito.

A operação de relação desenvolve-se por dois processos: analogia (metáforas e comparações), assimilação comparativa do todo ou das partes do objeto-descrito em relação a outro objeto-indivíduo, e de contiguidade (metonímias), em que há uma expansão de sentido do objeto-descrito em relação a outro objeto suscetível de se tornar o centro de um procedimento descritivo ou entre as partes consideradas.

A operação de expansão se dá pelo acréscimo ou combinação de qualquer operação a uma operação anterior, que pode ser, por exemplo, a aspectualização de uma das partes do objeto – descrito, permitindo que esse processo descritivo se amplie de forma infinita, porém limitada, pragmaticamente. Assim, a expansão descritiva se dá por meio de um pequeno número de operações identificáveis que se repetem.

2- conhecer a proposta teórica de Adam (2008), a qual enfatiza, fortemente, que adjetivos e verbos de estado não são as únicas classes de palavras utilizadas na construção da sequência descritiva. Assim, o teórico propõe a expansão de um conjunto de palavras que, articuladas, expressam as propriedades do objeto-descrito, indicando os processos determinativos ou avaliativos, peculiares à sequência descritiva.

Com isso, amplia-se o denominado “estoque lexical”, cuja função pode ser informar, identificar, localizar e qualificar. Deve ser ressaltado que tanto o produtor do texto descritivo quanto seu interlocutor deve ter a competência lexical desenvolvida, tanto para a expansão do objeto descrito quanto para o reconhecimento do sentido construído por aquele.

A nosso ver, o desenvolvimento do campo lexical só poderá ocorrer nas práticas discursivas de leitura e de escrita. Analisar o estoque lexical de palavras articuladas na sequência descritiva com a intenção de orientar argumentativamente o leitor é propiciar esse desenvolvimento

3- conhecer além do estoque lexical, outros recursos mencionados por Adam (2008) que podem ser articulados na operação de aspectualização, como descrever por ação, tornando as ações descritas, propriedades da pessoa ou do personagem. Para descrever ações, há como recursos os verbos nocionais e os tempos verbais. Quanto à operação de relação, há as metáforas e as metonímias.

4- reconhecer uma das funções mais importante da sequência descritiva: a função argumentativa, que atende a um posicionamento do descritor ou a uma intencionalidade do texto. Segundo Adam (2008:216) “um procedimento descritivo é inseparável da expressão de um ponto de vista, de uma visada do discurso”. É importante reconhecer o papel fundamental da sequência descritiva, marcando uma posição enunciativa.

Acredita-se que a abordagem da sequência descritiva, partindo dos preceitos teóricos de Adam contribui para o aluno ter um conhecimento maior sobre essa sequência, reconhecendo a sua relevância na construção do sentido do texto, presente em diferentes gêneros textuais.

3.2 A sequência descritiva em textos, em que predominam as sequências narrativas

Serão retomados dois textos dos livros didáticos analisados e propostos exercícios produtivos sobre a sequência descritiva. Faz-se necessário, então, apresentá-los, novamente, nesta seção, facilitando o entendimento da proposta de exercícios da leitura sugerida.

3.2.1 Texto “O quarto dos Maheu”

O texto “O quarto dos Maheu” foi retirado do livro *Português. Linguagens* de Cereja e Magalhães, volume um, capítulo nove, e encontra-se nas páginas 49 e 50 do capítulo dois desta tese.

Escolheu-se esse texto por duas razões: por ser riquíssimo no ato de descrever, favorecendo a exploração da sequência descritiva e de sua funcionalidade no texto; e por se estudar Literatura no Ensino Médio e o texto ser literário e pertencer ao estilo de época Naturalismo. Além disso, considera-se que a apresentação de fragmentos textuais nas aulas tanto de ensino básico quanto de superior impede que o leitor em formação tenha uma visão ampla do sentido atribuído ao texto e, por conseguinte, uma visão discursiva dos elementos que o constituem.

Entretanto, por vezes, faz-se necessário a apresentação de fragmentos. Acredita-se que, nesses casos, os fragmentos precisam ser bem recortados, coerentes e que permitam ao leitor o conhecimento amplo do texto, sem perda do propósito discursivo do texto.

Por se tratar de um breve fragmento do romance *Germinal*, do escritor naturalista francês Émile Zola, é necessário fazer um resumo desse romance a fim de se compreender o texto a ser trabalhado.

A história se passa no final do século XIX, em uma pequena cidade da França, que vivia em função da exploração do minério de carvão. Os moradores da cidade trabalhavam nas minas de carvão, recebendo baixos salários que os obrigavam a trabalhar cerca de dezesseis horas diárias e a colocar, praticamente, a família toda na execução das tarefas laboriais, inclusive, as crianças e os idosos.

As casas, em que os mineiros residiam, eram bem pequenas e pertenciam aos donos das minas que descontavam dos salários o aluguel. A casa dos Maheu, mineiros, só tinha um quarto e nele dormia toda a família: o casal e sete filhos. Ressalta-se que, com exceção dos três filhos menores (3 meses, 4 e 6 anos), todos trabalhavam na mina de carvão.

O quarto dos Maheu

No meio dos campos de trigo e beterraba, a aldeia dos Deux-Cent-Quarante dormia sob a noite negra. Distinguia-se vagamente os quatros imensos corpos de pequenas casas encostadas umas às outras, os edifícios da caserna e do hospital, geométricos, paralelos, que separavam as três largas avenidas em jardins iguais. E, no planalto deserto, ouvia-se apenas a queixa do vento por entre as sebes arrancadas.

Em casa dos Maheu, no número dezesseis do segundo grupo de casa, tudo era sossego. O único quarto do primeiro andar estava imerso nas trevas, como se estas quisessem esmagar com seu peso o sono das pessoas que se pressentiam lá, amontoadas, boca aberta, mortas de cansaço. Apesar do frio mordente do exterior, o ar pesado desse quarto tinha um calor vivo, esse calor rançoso dos dormitórios, que, mesmo asseados, cheirava a gado humano.

O cuco da sala do rés do chão deu quatro horas, mas ninguém se moveu. As respirações fracas continuaram a soprar, acompanhadas de dois roncoss sonoros. Bruscamente, Catherine levantou-se. No seu cansaço ela tinha, pela força do hábito, contado as quatro badaladas que atravessaram o soalho, mas continuava sem ânimo necessário para acordar de todo. Depois, com as pernas fora das cobertas, apalpou, riscou um fósforo e acendeu a vela. Mas continuou sentada, a cabeça tão pesada que tombava nos ombros, cedendo ao desejo invencível de voltar ao travesseiro.

Agora a vela iluminava o quarto, quadrado, com duas janelas, atravancado com três camas. Havia um armário, uma mesa e duas cadeiras de nogueira velha, cujo tom esfumado manchava duramente as paredes pintadas de amarelo-claro. E nada mais, a não ser roupa de uso diário pendurada em pregos, uma moringa no chão ao lado de um alguidar vermelho que servia de bacia. Na cama da esquerda, Zacharie, o mais velho, um rapaz de vinte e um anos, estava deitado com o irmão, Jeanlin, com quase doze anos; na da direita, dois pequeninos, Lénore e Henri, a primeira de seis anos, o segundo de quatro, dormiam abraçados; Catherine partilhava a terceira cama com a irmã Alzire, tão fraca para os seus nove anos, que ela nem a sentiria ao seu lado, não fosse a corcunda que deformava as costas da pequena enferma. A porta envidraçada estava aberta, podiam-se ver o corredor do patamar e o cubículo onde o pai e a mãe ocupavam uma quarta cama, contra a qual tiveram de instalar o berço da recém nascida, Estelle, de apenas três meses.

Entretanto, Catherine fez um esforço desesperado. Espreguiçava-se, crispava as mãos nos cabelos ruivos que se emaranhavam na testa e na nuca. Franzina para os seus quinze anos, não mostrava dos membros senão uns pés azulados como tatuados com carvão, que saíam para fora da camisola estreita, e braços delicados, alvos como leite, contrastando com a cor macilenta do rosto, já estragado pelas contínuas lavagens com sabão preto. Um último bocejo abriu-lhe a boca um pouco grande. Com dentes magníficos incrustados na palidez clorótica das gengivas, enquanto seus olhos cinzentos choravam de tanto combater o sono. Era uma expressão dolorosa e abatida que parecia encher de cansaço toda a sua nudez.

Seguem as questões elaborada, baseadas nos preceitos postulados por Adam (2008).

Questão 1:

Por se tratar de um texto literário, há toda uma caracterização do ambiente e dos personagens de forma verossímil. Para tanto, o narrador do fragmento apresentado faz uso de vocábulos e expressões que representam o estado físico dos personagens da vida explorada que levavam no seu local de convivência familiar, o quarto, na “hora de dormir”.

A) Identifique esses vocábulos e expressões, que caracterizam o estado físico dos personagens, correlacionando os usos às personagens a que se referem.

B) Ao caracterizar os personagens, os vocábulos e as expressões utilizados referem-se a um campo semântico que revela o estado físico desses. A que campo semântico esses termos pertencem?

Questão 2:

No texto, o escritor articulou três recursos linguísticos no processo descritivo do quarto e dos personagens, como podemos observar nos seguintes trechos:

“uma moringa no chão que servia de bacia”

“ como se estas quisessem esmagar com seu peso...”

“ o ar pesado cheirava a gado humano”

“Catherine partilhava a terceira cama com a irmã Alzire”

“seus olhos cinzentos choravam de tanto combater o sono”

“um último bocejo abriu-lhe a boca”

Considerando o postulado na tese do Naturalismo, identifique os recursos linguísticos utilizados nas expressões.

Questão 3:

Articulando as operações descritivas, faça a desmontagem da sequência descritiva do quarto dos Maheu.

Nessa questão, vamos tratar da análise da sequência descritiva, fazendo a sua desmontagem por meio das operações descritivas, propostas por Adam (2008): tematização, aspectualização, de relação e expansão.

Como já foi explicado, anteriormente, a operação de tematização é a denominação do referente-descrito, no caso, o quarto dos Maheu.

A operação de aspectualização são os atributos do referente no todo ou fragmentado em partes. No caso, os objetos que compõem o quarto, o espaço físico e as pessoas que dormem nele.

A operação de relação trabalha com os processos de analogia e de contiguidade, no caso, metáforas e metonímias articuladas sobre as pessoas (filhos dos Maheu) que dormem no quarto.

A operação de expansão se produz pelo acréscimo de qualquer operação combinada a outra anterior, permitindo uma nova visualização do referente-descrito. No caso, a expansão está ligada à aspectualização da subtematização (a filha Catherine).

Para se fazer o esquema da desmontagem, coloca-se primeiro o tema (o quarto dos Maheu). Abaixo dele, as operações de aspectualização (abaixo as propriedades do todo e das partes) de um lado e do outro lado, a de relação (abaixo, de uma lado, as metáforas e comparações e de outro, as metonímias). Por último, a expansão (a aspectualização de Catherine), que repete as operações anteriores.

Veja o esquema:

Figura 71

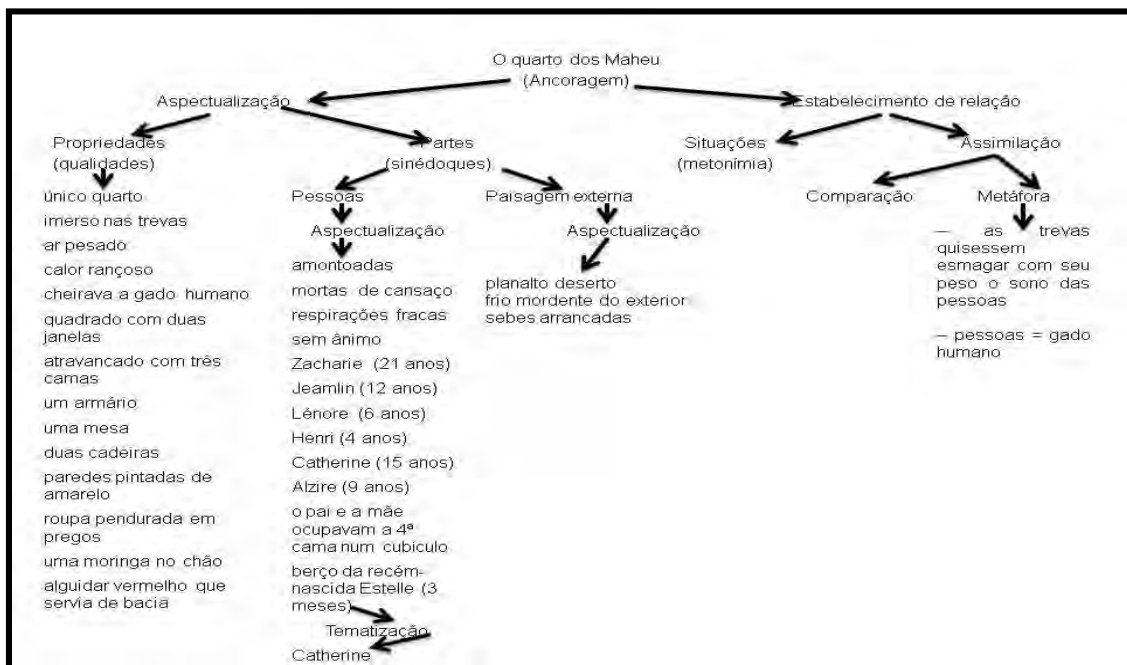
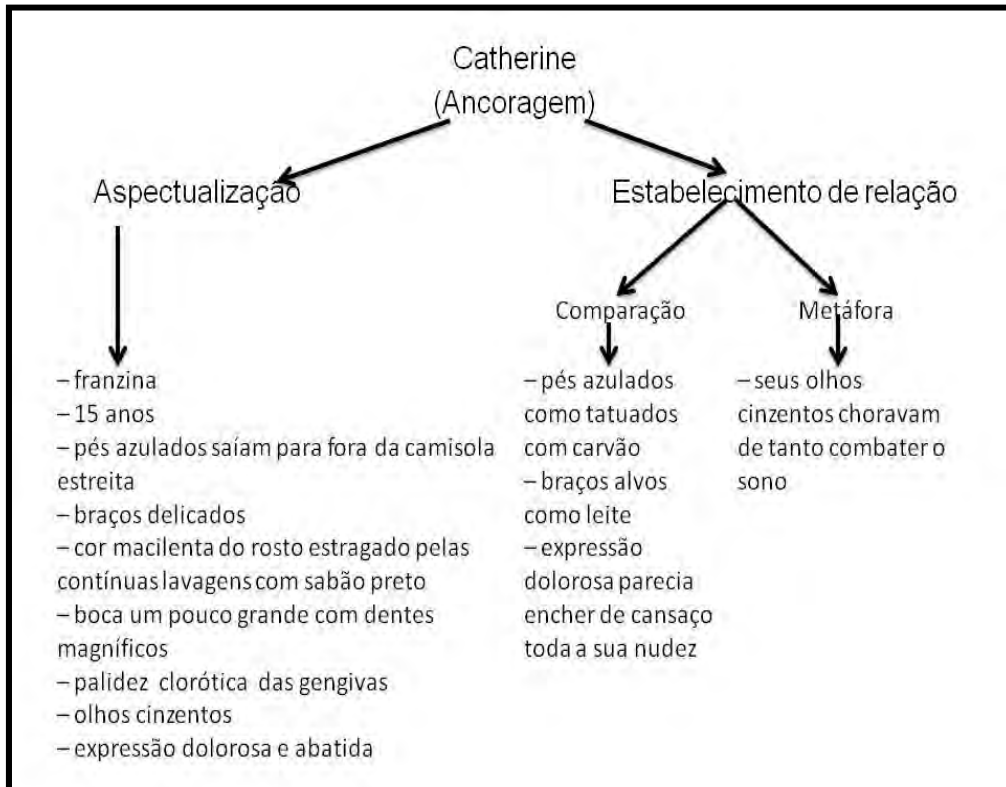


Figura 72



Ressalta-se a importância dessa análise da sequência descritiva em suas operações para um melhor observação do estoque lexical articulado, atendendo à intencionalidade do descritor (aquele que descreve) e da construção do sentido do texto.

Questão 4:

Após observar os vocábulos e expressões articulados na sequência descritiva e de fazer a desmontagem dessa por meio de suas operações descritivas, responda:

Qual a função da sequência descritiva na construção do sentido do texto naturalista?

Questão 5:

Esta questão propõe uma atividade de produção textual.

“ A porta envidraçada estava aberta, podiam-se ver o corredor do patamar e o cubículo onde o pai e a mãe ocupavam uma quarta cama, contra a qual tiveram de instalar o berço da recém-nascida, Estelle, de apenas três meses.”

Após a leitura do fragmento acima e, considerando que o descritor “guia o olhar do leitor de acordo com o efeito que nele deseja produzir”, você, agora, tem um desafio: tornando-se

um dos personagens- filhos dos Maheu que dorme no quarto, amplie a visão do cubículo, onde dormem os pais e Estelle, articulando a sequência descritiva como estratégia de argumentatividade do texto naturalista.

A elaboração dessas propostas objetiva desenvolver no aluno não só um maior conhecimento sobre, nesta perspectiva. Em vista disso, especificaremos os objetivos de cada questão formulada.

A questão um contribui para uma melhor compreensão do texto naturalista, porque propicia ao aluno observar, por meio do campo lexical articulado na sequência descritiva, as péssimas condições de vidas das personagens- mineiros explorados por seus empregadores. Visa, também, ao reconhecimento do estoque lexical como recurso do descritor para orientar argumentativamente o leitor à tese do Naturalismo: a crítica à exploração do burguês ao proletariado, levando-o à degradação humana.

Segundo Adam & Petitjean (1982), “a descrição no romance realista desempenha um papel fundamental, pois tem por objeto criar a ilusão do real”. Essa tese comprova a importância de sequência descritiva como recurso argumentativo, fato que refuta a concepção tradicional que vê a sequência descritiva apenas como um recurso expressivo para dar mais “vida” ao texto narrativo.

A expansão do conjunto de palavras que expressam as propriedades do objeto descrito, as personagens que dormem no quarto, indica um processo avaliativo, inerente à sequência descritiva, fundamental para a compreensão do sentido do texto.

A segunda questão trata dos recursos linguísticos articulados nas operações de aspectualização e de relação da sequência descritiva.

De acordo com Adam (2008), a aspectualização é o centro do processo descritivo, pois representa os atributos do referente-descrito, sendo as propriedades do todo (o espaço do quarto, os objetos que o compõem) ou das partes do todo do objeto (as pessoas que dormem nele). Já a operação de relação se desenvolve por um processo de analogia, articulando comparações e metáforas, ou por um processo de contiguidade, articulando metonímias.

No caso do quarto dos Maheu, o processo de analogia se dá ao comparar o ambiente e as pessoas que dormem no quarto a outro objeto-indivíduo, gado humano, denotando uma característica marcante do Naturalismo: a animalização do ser humano, decorrente da degradação humana, fruto da exploração do burguês.

Vale ressaltar que, como o “estoque lexical” é um recurso linguístico importantíssimo, marcando um posicionamento do descritor, decidimos trabalhá-lo, separadamente, em uma questão.

É fundamental chamar a atenção da relevância de se estudarem os recursos linguísticos articulados na sequência descritiva, nas operações de aspectualização, que apresenta as propriedades do tema-título, e de relação, que estabelece, por um processo de analogia e de contiguidade, a relação do referente-descrito com outro objeto e/ou indivíduo, a fim de melhorar a competência de escrita do aluno.

Além disso, esse estudo propicia ao aluno reconhecer os recursos linguísticos articulados nas operações de aspectualização e de relação, melhorando sua competência de escrita ao elaborar uma sequência descritiva.

Dando continuidade, a terceira proposta de leitura elaborada foca a análise da sequência descritiva, fazendo a sua desmontagem, por meio das operações descritivas propostas por Adam (2008). Essa análise permite ao aluno ter um conhecimento maior da sequência descritiva, pois ele passa a ter uma visão mais aprofundada da estrutura dessa.

Isso propicia-lhe reconhecer como a sequência descritiva contribui para o sentido do texto, atendendo a uma intencionalidade discursiva. Também contribui para o discente avaliar melhor os textos nesta perspectiva. Acrescenta-se que, para se ter a língua em uma forma proficiente, é preciso ter consciência linguística.

Já a questão quatro trata da função argumentativa da sequência descritiva no texto naturalista, sendo essa sequência uma estratégia de argumentatividade para ancorar a tese do Naturalismo: a crítica à exploração do burguês ao proletariado, levando-o à degradação humana.

A sequência descritiva orienta argumentativamente o leitor a ver o referente-descrito (o quarto dos Maheu) como o descritor (narrador do texto naturalista) quer que ele (o leitor) o veja: um ambiente pobre e degradante.

De acordo com Adam (2011), o descritor-aquele que descreve guia o olhar do leitor, de acordo com o efeito que nele deseja produzir. Há uma carga de subjetividade no processo descritivo, já que o descritor decide como irá descrever o objeto conforme seu objetivo.

A última questão é uma proposta de atividade de produção textual. Essa é essencial para o aluno praticar a escrita e o conhecimento apre(e)ndido sobre a sequência descritiva.

Aprofundar o processo de apropriação de capacidades de leitura e de escrita é fundamental na formação básica do estudante. Logo, as atividades de produção de texto são prioritárias no processo ensino-aprendizagem. Acresce que a abordagem dos gêneros de

textos faz-se necessária, visto que é por meio desses que se realizam as práticas sociais. Além disso, saber articular as diferentes sequências na construção dos gêneros textuais é essencial, porque propicia ao aluno maior proficiência de escrita.

Sendo assim, essa atividade de produção textual visa a desenvolver as competências descritiva e de escrita do aluno, bem como ampliar a visão desse sobre o texto naturalista. Ressalta-se que essas atividades propostas levam o aluno a reconhecer a relevância da sequência descritiva, funcionando como uma estratégia de argumentatividade e não sendo, apenas, um mero ornamento ou recurso de expressividade de um texto narrativo fictício.

3.2.2 Texto “Chen segura o tchan”

O texto “Chen segura o tchan” foi retirado do livro *Português: Literatura. Gramática. Produção de texto* de Sarmiento e Tufano, volume um, capítulo 18, e encontra-se na página 64 do capítulo dois desta tese.

A escolha desse texto deve-se ao fato de ser uma narrativa não literária, uma notícia veiculada na revista *Veja*. Como o texto da proposta anterior é uma narrativa literária, buscou-se essa diversidade a fim de o aluno estudar a sequência descritiva presente em texto narrativo fictício e não fictício.

Apresentaremos a seguir uma atividade didática para melhor abordagem do ensino da sequência descritiva, favorecendo o desenvolvimento da competência descritiva, visto que serão abordados aspectos importantes como os recursos linguísticos articulados nas operações descritivas e a função argumentativa dessa sequência.

O texto “Chen segura o tchan” relata o ato de heroísmo do bombeiro Chen ao salvar uma menina de dois anos, ameaçada de ser jogada pela janela de um apartamento do oitavo andar pelo próprio pai.

Observa-se, entretanto, que a revista *Veja*, ao veicular essa notícia, não objetiva, apenas, informar o fato, mas criticar o Partido Comunista da China. Dessa forma, a revista articula a sequência descritiva como uma estratégia de argumentatividade para expressar sua intencionalidade, qual seja, a crítica ao Partido Comunista chinês.

A seguir, o texto:

Chen segura o tchan

Bombeiro chinês salva criança com um braço e com o outro ainda livra o pai que ameaçava jogá-la.

Foi uma semana normal, em termos chineses. Teve um terremoto (336 feridos), uma insurreição de maneira étnica (184 mortos) e uma espantosa previsão do crescimento econômico para este ano (8%, com crise e tudo). E, também, mais improvavelmente, um herói espontâneo, sem nenhuma maquiagem oficial. O bombeiro Chen Long salvou uma menininha de 2 anos, que o próprio pai ameaçava jogar pela janela pela janela de um apartamento no 8º andar. Protegido por um cabo de segurança, mas com coragem e destreza impressionantes, Chen desceu por uma sacada do andar de cima, avançou pelo parapeito do prédio e durante alguns apavorantes segundos disputou a criança com o pai enlouquecido, Hu Binjun. Ao perdê-la, Hu tentou se jogar, mas o rápido Chen o empurrou de volta. Hu tem 34 anos e uma tatuagem na coxa do tipo que na China quer dizer encrenca. Ao sair preso, apanhou do povão que acompanhou o drama da rua durante mais de três horas. A mulher disse que ele estava desempregado e drogado. A história recente chinesa está cheia de heróis inventados, personagens fabricados pela máquina oficial de propaganda para promover a causa comunista e o fervor patriótico. Com farda camuflada, cabelos espetados, sobrancelhas arqueadas e movimentos quase estilizados, de dar inveja a Bruce Lee, Chen lembrou um ator do tempo das velhas e intragáveis óperas maoístas. Com a diferença de que fez uma coisa boa de verdade numa semana em que muitas coisas ruins aconteceram na China.

(*Veja*, São Paulo, nº 2121, 15 de julho. 2009)

Seguem as questões:

Questão 1:

Ao ler a notícia, observa-se que a revista não se limita a relatar o fato ocorrido: o salvamento da menina pelo bombeiro Chen, mas de descrevê-lo como um verdadeiro herói chinês.

Identifique o recurso linguístico articulado na operação de aspectualização para descrever o comportamento do bombeiro Chen, que o coloca como um verdadeiro herói, retirando exemplos do texto.

Questão 2:

A operação de aspectualização da sequência descritiva é a responsável por apresentar as propriedades do referente-descrito.

Identifique os recursos linguísticos articulados na operação de aspectualização da sequência descritiva na notícia para descrever o bombeiro Chen.

Questão 3:

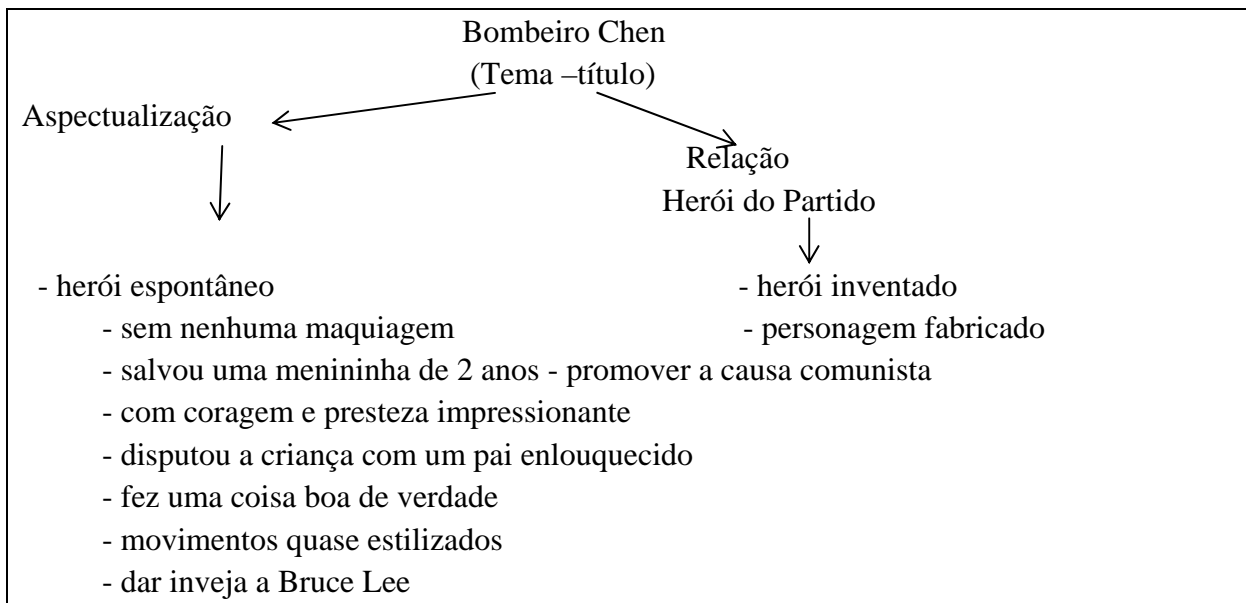
Articulando as operações descritivas de tematização, aspectualização e de relação, faça a desmontagem da sequência descritiva do bombeiro Chen.

A operação de tematização dá unidade a um segmento, apresentando o referente-descrito. A operação de aspectualização se apoia na tematização, apresentando as propriedades do referente-descrito. A operação de relação estabelece analogia entre o referente-descrito e outro objeto-indivíduo.

Para se fazer a desmontagem da sequência descritiva, coloca-se o tema-título e, abaixo, as operações de aspectualização de um lado e de outro, a de relação.

Veja o esquema a seguir:

Figura 73



Questão 4:

Após fazer a desmontagem da sequência descritiva e observar o estoque lexical dessa, responda:

A sequência descritiva, articulada na notícia, acerca do ato heroico do bombeiro Chen, tem como único objetivo descrever o heroico bombeiro? Por quê?

Questão 5:

Esta questão propõe uma atividade de produção textual.

Elabore uma notícia de jornal em que a sequência descritiva seja articulada com uma estratégia de argumentatividade.

Dê um título para o seu texto e utilize o padrão culto da língua escrita.

Após as propostas formuladas, serão apresentados os objetivos de cada uma, tendo em vista o objetivo maior de melhorar as competências descritiva, leitora e de escrita do discente.

A questão um trata de um recurso linguístico articulado na sequência descritiva, na operação de aspectualização, responsável pelos atributos do referente-descrito, em um gênero textual, predominantemente, narrativo- os verbos de ação.

O objetivo desse exercício é levar o aluno a reconhecer que, em um texto narrativo, muitas vezes, a sequência descritiva está imbricada na sequência narrativa, que relata a sequência de fatos e, ao mesmo tempo, descreve, não podendo, assim, separá-las. Visa, também, a propiciar ao aluno reconhecer a sequência de verbos de ação como um recurso linguístico valioso para descrever comportamento.

Por fim, visa a melhorar a competência descritiva do aluno na elaboração da expansão predicativa do referente-descrito, pois ele reconhecerá um recurso articulado na operação de aspectualização que não é abordado no ensino da sequência descritiva nos livros didáticos de Ensino Médio, aprovados pelo PLND-2012.

De acordo com Adam (2008), descrever por ação é apresentar propriedades do ser descrito, logo os verbos e os tempos verbais são recursos importantes a esse processo descritivo. O teórico, também, afirma que “o reconhecimento do texto como um todo passa pela percepção de um plano de texto, com suas partes constituídas por sequências identificáveis”. (Adam. 2008:254). O plano de texto é responsável pela organização global de um texto, prescrita por um gênero.

Como a questão um trata, especificamente, dos verbos de ação como um recurso linguístico articulado para descrever o comportamento do bombeiro Chen, decidimos focar o estudo de mais um recurso importante na elaboração da operação de aspectualização na questão dois: o campo lexical.

Estudar o campo lexical que compõe a operação de aspectualização é propiciar ao aluno reconhecer a importância da escolha do léxico como um recurso do descritor para direcionar o olhar do leitor, atendendo a uma intencionalidade. Além disso, o campo lexical articulado na sequência descritiva, na operação de aspectualização, contribui para a construção do sentido do texto, garantido a coerência textual.

De acordo com Adam (2008) “toda predicação de um sujeito expressa um conteúdo proposicional”. Sendo assim, o conhecimento do léxico é fundamental para o descritor expandir o referente-descrito, orientando, argumentativamente, o leitor. Ressalta-se, também, que o leitor precisa partilhar desse conhecimento do campo lexical para decodificar o sentido do texto.

Dando sequência, a questão três aprofunda o conhecimento da estrutura da sequência descritiva ao fazer a sua análise, desmontando-a por meio das operações descritivas: tematização, aspectualização e de relação.

A desmontagem da sequência descritiva propicia não só ao aluno visualizar as operações que a estruturam, também reconhecer o papel relevante que essa sequência exerce no texto, contribuindo para o sentido desse. Dessa forma, o discente melhora sua competência para ler, elaborar e avaliar textos nesta perspectiva. Um conhecimento maior da estrutura da sequência descritiva, melhorando sua competência para elaborar e avaliar textos nesta perspectiva. Além disso, contribui para o aluno reconhecer a sequência descritiva como uma estratégia de argumentatividade. De acordo com Adam (2008) “ toda representação discursiva é a expressão de um ponto de vista”, pois o discurso é um ato de enunciação com valor ilocucionário,

Devido à relevância dessa função argumentativa da sequência descritiva, propôs-se a questão quatro, visando a propiciar ao aluno o reconhecimento dessa função em um gênero narrativo-informativo: a notícia.

Outro objetivo pretendido é fazer com que o aluno perceba que a notícia, veiculada por um meio de comunicação, muitas vezes, não se atém a somente informar, mas também a expressar uma intenção. É fundamental que o leitor (aluno) perceba a intencionalidade do texto.

Por último, foi proposta uma atividade de produção de texto, a fim de levar o aluno a aprofundar seu conhecimento sobre o gênero notícia e sobre o uso da sequência descritiva

nesse gênero textual. Dessa forma, desenvolvem-se as competências descritiva, leitora e de escrita.

Reitero que aprofundar o processo de apropriação de capacidades de leitura e de escrita é fundamental na formação do aluno. Acresce, também, que a abordagem dos gêneros de textos faz-se necessária, pois é por meio deles que se realizam as práticas sociais. Portanto, as atividades de produção de texto são prioritárias no processo ensino–aprendizagem.

Acredita-se que essas propostas de atividades possam levar o aluno a reconhecer a relevância da sequência descritiva no gênero notícia e possibilitem uma maior desenvoltura nas habilidades de ler e escrever, essenciais na formação de um cidadão crítico e consciente da realidade.

3.3 A sequência descritiva em textos, em que predominam as sequências argumentativas

Como foi observado que os livros didáticos analisados trabalham a sequência descritiva, praticamente, em textos narrativos, propõe-se abordar, então, exercícios para o desenvolvimento da aprendizagem da sequência descritiva como um recurso valioso de argumentatividade em textos argumentativos, ancorando a tese defendida.

Ressalta-se que um dos objetivos do Ensino Médio é preparar o aluno para o ingresso no ensino superior e é sabido que a maioria das provas de redação dos vestibulares, como o ENEM e a UERJ, pede a elaboração de uma dissertação-argumentativa. Logo, trabalhar com textos argumentativos favorece o aluno a ter uma maior competência leitora e também discursiva na produção redacional.

Sendo assim, decidiu-se propor exercícios produtivos sobre a sequência descritiva para o desenvolvimento das capacidades de leitura e escrita dos alunos, abordando em dois gêneros textuais opinativos da esfera jornalística: o editorial e o artigo de opinião.

3.3.1 Texto “Equívocos da lei”

Este texto é um editorial do jornal O Globo e apresenta como tema o Estatuto da Criança e do Adolescente. A escolha desse deveu-se por duas razões. Primeiro, por ser *O Globo* um jornal de grande circulação e segundo, por ser o tema um assunto próximo da realidade do alunado do Ensino Médio.

Tema em discussão: Estatuto do Menor

NOSSA OPINIÃO

Equívocos da lei

Dos três assaltantes presos recentemente depois de terem mantido seis pessoas como reféns em Copacabana, um deles, de 19 anos, já cumprira medida socioeducativa numa instituição dedicada à recuperação de menores delinquentes.

A tentativa de assalto trouxe à lembrança outro crime, que dessa vez terminou em tragédia: o sequestro do ônibus 174, em 2000. No episódio morreu uma das vítimas. O bandido — também morto — igualmente havia passado por uma instituição de correição de menores.

São dois exemplos, entre inúmeros outros, de falhas numa política supostamente voltada para a proteção e recuperação do menor infrator. Segundo o presidente do Conselho Estadual de Defesa da Criança e do Adolescente, Carlos Nicodemos, o índice de reincidência em crimes de jovens atendidos no Departamento Geral de Ações Socioeconômicas do Rio (DEGASE) é de 70%, percentual que se repete quando o menor chega à idade adulta e acaba entrando na rede penitenciária.

Há, evidentemente, algo errado num sistema que não resgata jovens da trilha fácil do crime — antes, parece facilitar-lhe o acesso aos descaminhos da ilegalidade. Nesse sentido, o principal arcabouço legal do país destinado a proteger o menor, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), claramente deixou de cumprir o papel para o qual foi criado, há quase duas décadas. Trata-se de legislação cimentada em conceitos paternalistas, a tal ponto que, como notou há alguns anos o jurista Alyrio Cavallieri, o ECA tem um excesso de capítulos sobre os direitos do menor e quase nenhuma referência aos deveres.

Quase 20 anos de equívocos abrigados num corpo legal que, longe de proteger o menor e salvaguardar a sociedade, ajuda a acirrar os problemas decorrentes da delinquência juvenil são

tempo suficiente para reclamar necessárias mudanças na lei. Entre elas, impõem-se a redução, de 18 para 16 anos, do limite de inimputabilidade do jovem envolvido com o crime e o fim da borracha que se passa no prontuário do infrator quando ele alcança a maioridade.

São mudanças inescapáveis, mas que não têm o dom de, por si só, mudar o quadro. O menor inegavelmente precisa da proteção do Estado, e mantê-lo afastado do crime pressupõe, entre outras providências, reformar as instituições correcionais e oferecer ao jovem na linha de recrutamento do crime alternativas como educação eficiente e inclusão no mercado de trabalho.

(Editorial do jornal *O Globo*, de 14 de setembro de 2009)

Seguem as questões:

Questão 1:

Ao utilizar o sintagma nominal -equivocos da lei-, o produtor seleciona uma expressão que denota crítica ao tema do texto apresentado.

Qual a crítica existente no título que leva o leitor a levantar a hipótese acerca de uma orientação argumentativa do produtor do texto?

Questão 2:

Em um procedimento descritivo, podem ser articulados recursos linguísticos ou não para determinar um procedimento avaliativo do descritor-aquele que descreve- em relação ao referente-descrito.

Identifique três recursos articulados na sequência descritiva que expressam um procedimento avaliativo do jornal sobre o Estatuto do Menor, retirando exemplos do texto.

Questão 3:

A escolha lexical articulada na sequência descritiva expressa uma intencionalidade discursiva.

Sabendo-se que o editorial é um texto opinativo, retire palavras e expressões articuladas na sequência descritiva que marcam o posicionamento crítico do jornal em relação ao ECA.

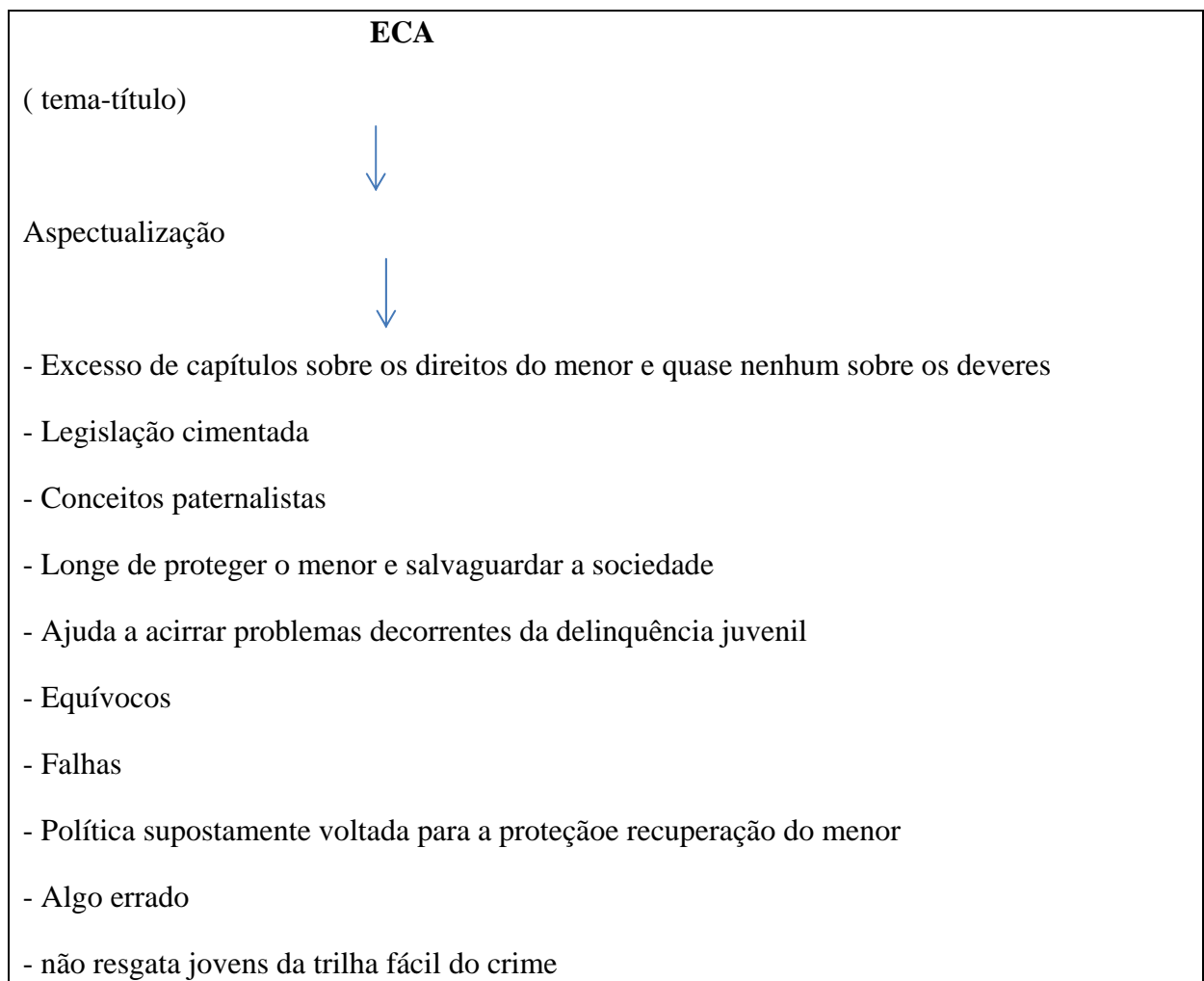
Questão 4:

Nessa questão, vamos tratar da análise da sequência descritiva, fazendo a sua desmontagem por meio das operações descritivas de tematização e de aspectualização.

Para se fazer a desmontagem da sequência descritiva, coloca-se, primeiro a operação de tematização, que apresenta o referente-descrito (o ECA). Em seguida, abaixo dessa, coloca-se a operação de aspectualização, que apresenta as propriedades do referente-descrito.

Veja o esquema a seguir:

Figura 74



Articulando as operações descritivas, faça a desmontagem da sequência descritiva do Estatuto do Menor.

Questão 5:

Esta questão propõe uma atividade de produção textual.

Elabore um editorial, apresentando uma opinião contrária ao jornal O Globo, ou seja, defendendo o Estatuto do Menor, articulando a sequência descritiva com estratégia de argumentatividade.

A elaboração dessas propostas visa ao maior conhecimento da sequência descritiva articulada como estratégia de argumentatividade no gênero editorial e à maior competência leitora e de escrita.

A questão um trata da importância do título, expressando uma intencionalidade do texto. O gênero textual escolhido é um editorial, texto argumentativo que representa a opinião da empresa jornalística, a qual o publica, sobre um fato da atualidade. É importante levar o aluno a observar o título de um texto, pois, muitas vezes, ele está expressando um posicionamento do autor, que já anuncia para o leitor o seu posicionamento.

De acordo com Adam (2008:281) “um texto pode quase sempre ser semanticamente resumido por um título”. Esse estabelece uma relação de sentido com o texto, sendo uma pista para guiar o leitor no propósito argumentativo do texto. Essa colocação do teórico pode ser ratificada no título do editorial de *O Globo*, que critica o Estatuto do Menor.

A questão dois aborda os recursos articulados em um procedimento descritivo que podem ser linguísticos ou não, como dados estatísticos, enumerações de dados, tabelas, gráficos, exemplificações de fatos, enumeração de propriedades (operação de aspectualização) dentre outros.

Vale ressaltar que é importante propiciar ao aluno o reconhecimento dos recursos que podem ser articulados em um processo descritivo em um texto opinativo jornalístico como dados estatísticos, exemplificações, além das propriedades articuladas na aspectualização do tema, aumentando sua competência leitora e de escrita de textos argumentativos.

Visa, também, ao reconhecimento da sequência descritiva, orientando argumentativamente o olhar do leitor, já que, de acordo com Adam (2008:113) “o sentido de um enunciado é inseparável de um dizer, isto é, de uma atividade enunciativa significativa que o texto convida a (re)construir.” Isso quer dizer que todo enunciado tem valor argumentativo.

Dando continuidade, a proposta três aborda o estoque lexical articulado na sequência descritiva, expressando o olhar avaliativo do descritor sobre o referente-descrito. A proficiência da língua está diretamente ligada ao conhecimento do léxico articulado no ato do discurso.

Mais uma vez, vale ressaltar a relevância de propiciar ao aluno o reconhecimento da importância da seleção lexical no ato de descrever, levando-o a uma maior competência descritiva. De acordo com Adam (2008), a descrição é “um ato ilocucionário de recomendação”, ou seja, o ato da enunciação é intencional, refletindo um posicionamento do emissor.

A quarta questão propicia um maior conhecimento da estrutura da sequência descritiva. Visa, também, à maior competência leitora e de escrita de textos nesta perspectiva. De acordo com Adam (2008), o texto é um ato de discurso, sendo assim, o conteúdo descritivo de um texto expressa uma atitude subjetiva, pois o descritor define como irá descrever o referente-descrito, priorizando os aspectos e propriedades que atendam a sua intencionalidade.

Finalizando, a última atividade de produção de texto visa ao aluno reconhecer o gênero editorial, a fim de saber lê-lo e produzi-lo com proficiência, propiciando, assim, uma maior competência descritiva, leitora e de escrita.

É importante ressaltar que é papel da escola promover no estudante as capacidades de pensar, agir e sentir e, nas aulas de língua, esse espaço deve ser garantido. Por isso, o trabalho com textos de diferentes gêneros é fundamental.

Dessa forma, acredita-se que as propostas apresentadas contribuíram para atingir esses objetivos.

3.3.2 Texto “Governantes e Governados”

Decidiu-se trabalhar com um artigo de opinião de João Ubaldo Ribeiro publicado no jornal *O Globo* por três razões. Primeiro, por João Ubaldo ser um escritor de forte consciência crítica da realidade nacional e detentor de um olhar aguçado sobre as estruturas político-sociais do país. Sua escrita apresenta um estilo bem próprio e significativo, de ampla variação vocabular e de usos linguísticos característicos e individuais.

O artigo de opinião é um texto opinativo. A abordagem do gênero opinativo em sala de aula possibilita o desenvolvimento da competência argumentativa do aluno. E como o tipo de texto cobrado na maioria dos vestibulares é uma dissertação-argumentativa, a leitura de textos opinativos propicia ao aluno defender, com maior proficiência, o ponto de vista, sobre dado tema, articulando uma argumentação eficaz. Por último, por ser o jornal O Globo um jornal de grande circulação, tendo um público-leitor heterogêneo.

Governantes e Governados

Essa capadoçagem burra, arrogante e irresponsável, tentada no Congresso Nacional, para intimidar e desfigurar o Poder Judiciário, mostra de novo como somos atrasados. Antigamente, éramos um país subdesenvolvido e atrasado. Fomos promovidos a emergente — embora volta e meia me venha a impressão de que se trata de um eufemismo moderno para designar a mesma coisa — e continuamos atrasados. Nosso atraso é muito mais que econômico ou social, antes é um estado de alma, uma segunda natureza, uma maneira de ver o mundo, um jeito de ser, uma cultura. Temos pouco ou nenhum espírito cívico, somos individualistas, emporcalhamos as cidades, votamos levianamente, urinamos nas ruas e defecamos nas praias, fazemos a barulheira que nos convém a qualquer hora do dia ou da noite, matamos e morremos no trânsito, queixamo-nos da falta de educação alheia e não notamos a nossa, soltamos assassinos a torto e a direito, falsificamos carteiras, atestados e diplomas, furamos filas e, quase todo dia, para realçar esse panorama, assistimos a mais um espetáculo ignóbil, arquitetado e protagonizado por governantes.

Que coisa mais desgraciosa e primitiva, esse festival de fanfarronadas e bravatas, essa demonstração de ignorância mesclada com inconsequência, essa insolência despuddorada, autoritária, prepotente e pretensiosa. Então a ideia era submeter decisões do Supremo Tribunal Federal à aprovação do Congresso, ou seja, na situação atual, à aprovação do Executivo. E gente que é a favor disso ainda tem o desplante de lançar contra os adversários acusações de golpismo. Golpismo é isso, é atacar o equilíbrio dos poderes da República, para entregar à camarilha governista o controle exclusivo sobre o destino do país. Até quem só sabe sobre Montesquieu o que leu numa orelha de livro lembra que o raciocínio por trás da independência dos poderes é prevenir o despotismo. Se eu faço a lei, eu mesmo a executo e ainda julgo os conflitos, claro que o caminho para a tirania está aberto, porque posso fazer qualquer coisa, inclusive substituir por outra a lei que num dado momento me incomode.

Hoje, muito tempo depois de Montesquieu, sistemas como o vigente nos Estados Unidos, cujas instituições políticas plagiamos na estruturação da nossa república, dependem de um equilíbrio delicado e sutil, o qual pressupõe uma formação cívica e cultural que nosso atraso nos impede de plagiar também. Uma barbaridade desse porte é praticamente impossível acontecer por lá. E isso se evidencia até no comportamento e nas atitudes de todos. Nenhum deputado americano iria blaterar contra a Suprema Corte e investir contra a integridade do Estado dessa forma. E nenhum dos magistrados sai, como aqui, dando entrevistas em toda parte e tornando-se figurinhas fáceis, cuja proximidade induz uma familiaridade incompatível com a natureza e a magnitude dos cargos que ocupam, intérpretes supremos da Constituição, última instância do Estado, capaz de selar em definitivo o destino de um cidadão ou até da sociedade. Quem já presenciou a abertura de uma sessão da Suprema Corte, em Washington, há de ter-se impressionado com a solenidade majestosa do ato e com a aura quase sacerdotal dos juízes. Aqui, do jeito que as coisas vão, chega a parecer possível que, um dia destes, a equipe de um show de televisão interrompa uma sessão do Supremo para entrevistar os ministros, com uma comediantes fazendo perguntas como “que é que você usa por baixo da toga?” e Sua Excelência, olhando para o decote dela e depois piscando para a câmera, dê uma gargalhadinha e responda “passa lá em casa, que eu te mostro”.

Soberana, entre as nossas manifestações de atraso, é a importância que damos à televisão. Não conheço outro país onde visitas apareçam exclusivamente para ver televisão na companhia dos visitados, ou onde se liga a televisão na sala e ninguém mais conversa. Hoje está melhor, mas, antigamente, o sujeito era convidado para dar uma entrevista e todos os funcionários da estação ou da produção o tratavam como se ele estivesse recebendo uma dádiva celestial. Do faxineiro à recepcionista, todos eram importantíssimos e eu mesmo já me estranhei com alguns, um par de vezes. A televisão é tudo a que se pode ambicionar, todas as moças querem ser atrizes de novelas, a fama é aparecer na televisão, quem aparece na televisão está feito na vida. Briga-se por tempo na televisão, ameaça-se o regime por causa de tempo na televisão e avacalha-se a imagem das instituições através dos que parecem sempre ansiosos por aparecer na televisão. Em relação aos ministros do Supremo, creio que todos os dias pelo menos uns dois deles se exibem em entrevistas. Houve a questão do mensalão, mas a moda e o costume já pegaram e qualquer processo no Supremo que venha a ter grande repercussão vai gerar novas entrevistas, pois ministro também é filho de Deus e, se não houvesse seguido a carreira jurídica, teria sido personalidade da televisão.

Quanto aos governados, as chances de aparecer na televisão são escassas e talvez o mais recomendável seja não ambicioná-las, porque isso pode significar que teremos sido assaltados ou atropelados, ou vovó esticou as canelas depois de quatro dias numa maca na recepção de um hospital vinculado ao SUS, ou já viramos presunto. Temos os nossos representantes, que podem representar-nos também aparecendo na televisão, são o nosso retrato. Continuam a caber-nos as duas certezas que Benjamin Franklin via na vida: *death and taxes*, morte e impostos. Nossas oportunidades de morte são amplas e diversificadas, de bala perdida a dengue. Em relação aos impostos, estamos a caminho do campeonato mundial. E, finalmente, contamos com o consolo de saber que todo poder emana do povo e em seu nome será exercido. Ou seja, pensando bem, não temos de quem nos queixar.

(João Ubaldo Ribeiro, jornal O Globo, 5 de maio de 2013)

Seguem as questões:

Questão 1:

O autor do texto, além de adjetivos e locuções adjetivas, articulou, com muita recorrência, dois outros recursos linguísticos: um usado mais para descrever os governantes e outro, para descrever os governados.

A) Identifique esses recursos referentes aos governantes e governados.

B) Retire vocábulos do texto referentes aos governantes e aos governados que comprovem sua resposta anterior.

C) Observando o campo lexical referente à aspectualização dos governantes e dos governados, o que se pode inferir sobre esses?

Questão 2:

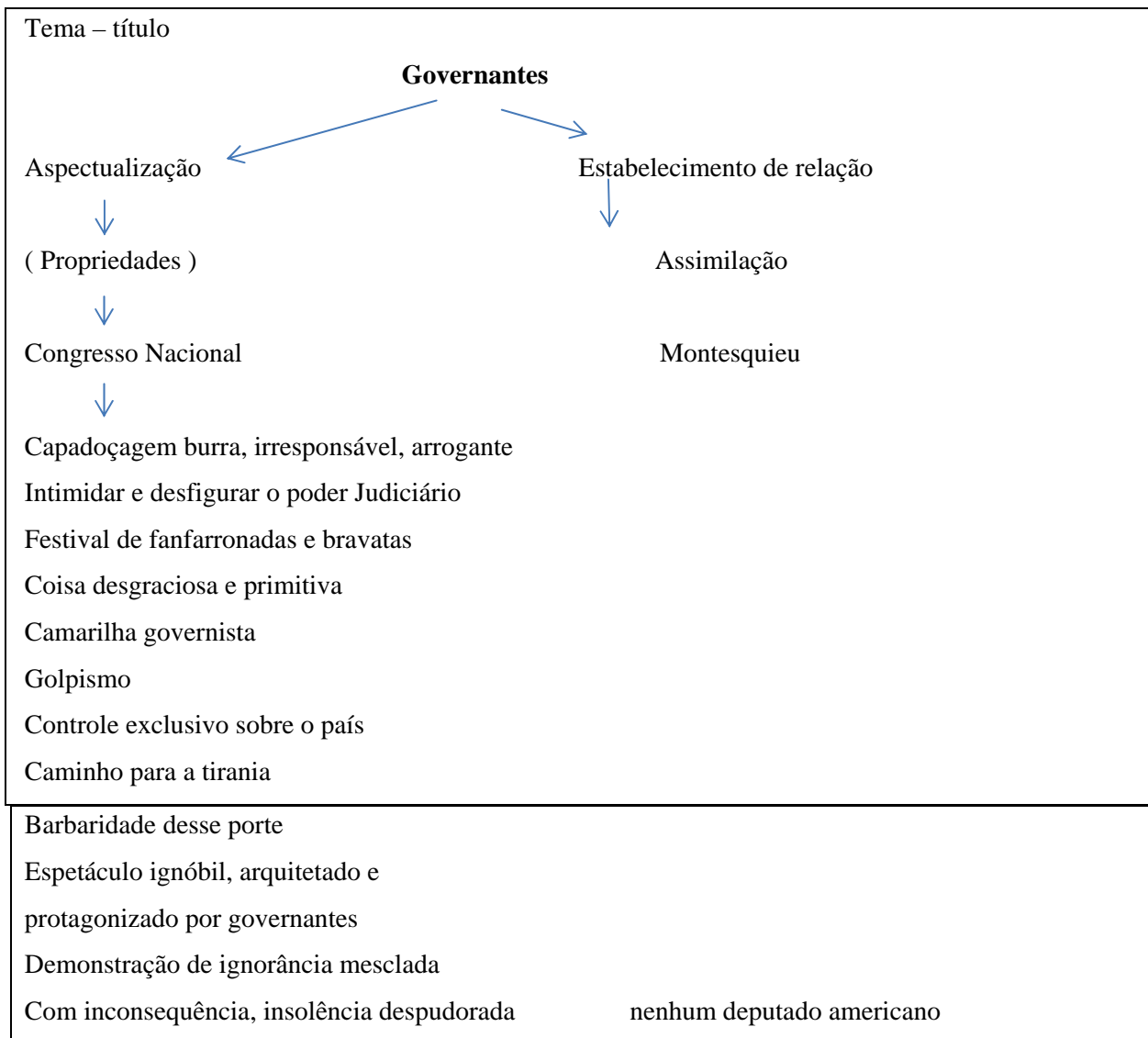
Nesta questão, vamos tratar da análise da sequência descritiva, desmontando-a por meio das operações de tematização, aspectualização, relação e expansão. A operação de tematização apresenta o referente-descrito. No caso do artigo de opinião, há dois referentes:

os governantes e os governados. A operação de aspectualização, colocada abaixo da tematização, apresenta as propriedades do referente-descrito. A operação de relação, colocada ao lado da operação de aspectualização, trabalha com dois processos: analogia e contiguidade. No caso do texto escolhido, só há analogia, ou seja, comparações com outros objetos-indivíduos. A operação de expansão, colocada abaixo das operações de aspectualização e de relação, é a extensão da descrição e se produz pelo acréscimo de uma operação ou pela combinação com outra, podendo ser uma analogia. No caso do texto, a comparação final entre governantes e governados.

Como há dois referentes descritos, governantes e governados, demonstraremos os dois esquemas das desmontagens dessas sequências descritivas.

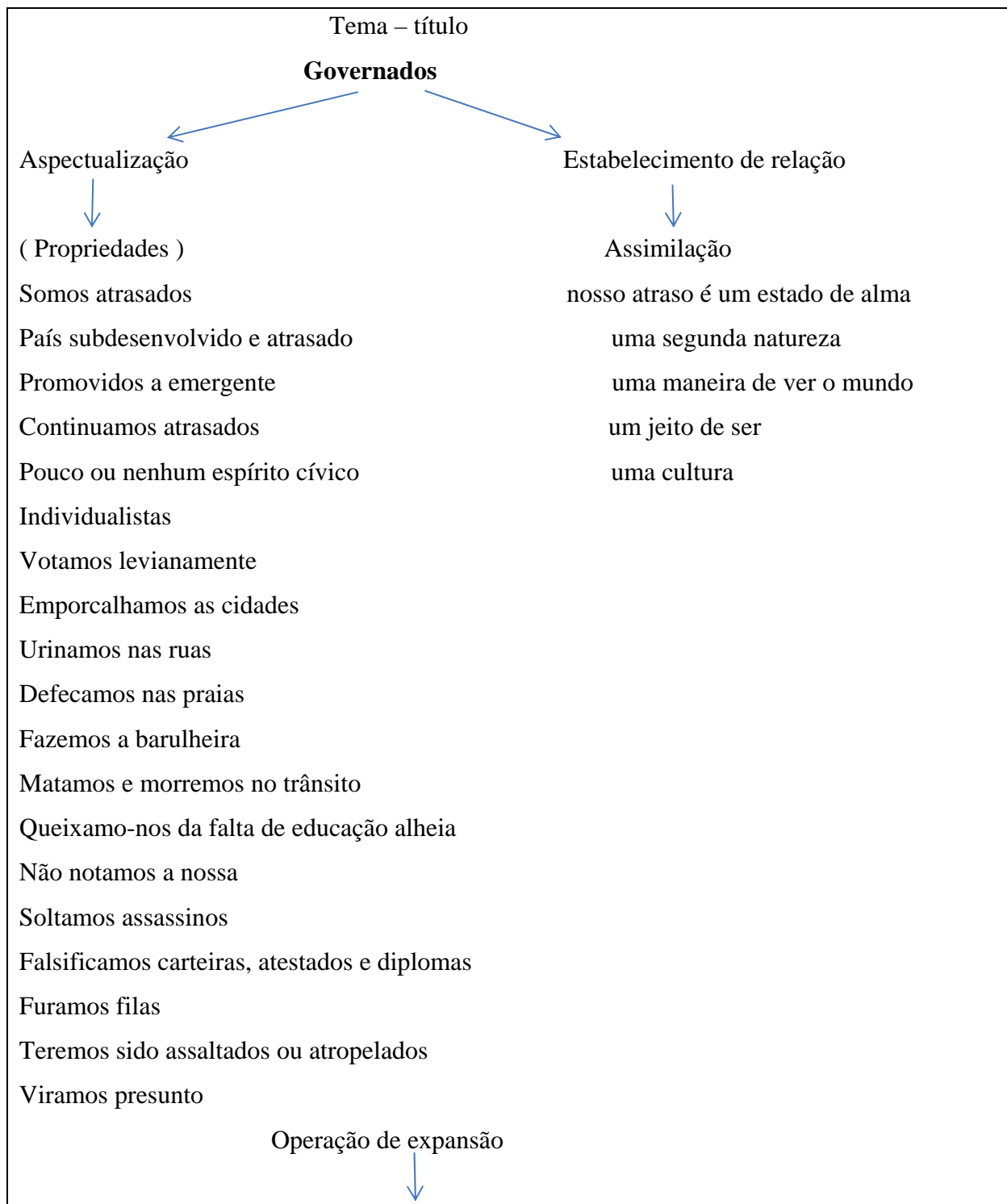
Vejamos os esquemas a seguir:

Figura 75



autoritária, prepotente, pretenciosa	irá blatear contra a Suprema Corte
Atacar o equilíbrio dos poderes da República	nenhum dos magistrados americanos
Sua Excelência olhando para o decote dela	sai dando entrevistas
Dê uma gargalhadinha	sessão da Suprema Corte-solenidade majestosa
Ministros do Supremo se exibam em entrevistas	

Figura 76



Governados = governantes

Articulando as operações descritivas, faça a desmontagem das sequências descritivas referentes aos governantes e aos governados.

Questão 3:

Após fazer a desmontagem das sequências descritivas dos referentes-descritos, observando o estoque lexical articulado nas operações de aspectualização, responda:

Qual o papel relevante exercido pela sequência descritiva no artigo de opinião de João Ubaldo Ribeiro?

Questão 4:

Esta questão propõe uma atividade de produção textual.

Elabore um artigo de opinião, articulando a sequência descritiva com estratégia argumentativa, sobre o tema:

Respeito ao outro: o desafio de nossa sociedade.

Dê um título ao seu texto e utilize o padrão culto da língua escrita.

As propostas elaboradas sobre a sequência descritiva no artigo de opinião de João Ubaldo objetivam um maior conhecimento sobre esse gênero, um aprofundamento do estudo da sequência descritiva, mostrando sua relevância como estratégia de argumentatividade no artigo de opinião e um maior desenvolvimento da competência argumentativa.

A questão um trata dos recursos linguísticos articulados na construção da operação de aspectualização da sequência descritiva, principalmente, do campo lexical, responsável pelas propriedades do referente-descrito.

O autor utilizou recursos linguísticos que não foram mencionados nos livros didáticos analisados: os substantivos abstratos e os verbos de ação articulados nas operações de aspectualização das sequências descritivas, que apresentam as propriedades dos referentes-descritos: governantes e governados.

Importante observar como o substantivo abstrato é um ótimo recurso para descrever alguém. Azeredo (2008:155) diz que substantivos abstratos referem-se a “noções abstraídas por isso nomes abstratos- como propriedades ou atos dos seres”. A ação, ou melhor, o ato do ser embutido no substantivo, muitas vezes, é mais expressivo do que o adjetivo. Também os verbos de ação descrevem com mais expressividade os comportamentos dos seres do que os adjetivos.

Vale ressaltar que é fundamental o aluno reconhecer outros recursos linguísticos articulados na operação de aspectualização, sem ser adjetivos e locuções adjetivas, melhorando sua competência descritiva na leitura e na elaboração de textos nesta perspectiva.

Além disso, é essencial levar o discente a reconhecer que a escolha desses recursos e do léxico denota um posicionamento do descritor. De acordo com Adam & Petitjean (1982), “tanto os recursos quanto o estoque lexical no processo descritivo marcam a subjetividade do autor”. Isso quer dizer que, do ponto de vista enunciativo, o locutor expressa um ponto de vista ao articular um discurso.

A segunda proposta aprofunda o estudo da sequência descritiva, ao analisá-la, fazendo sua desmontagem por meio das operações descritivas. Esse conhecimento da estrutura da sequência descritiva na composição textual leva o aluno a avaliar melhor textos nesta perspectiva, melhorando a proficiência leitora e de escrita.

Dando continuidade, a questão três aborda a função argumentativa da sequência descritiva em um texto opinativo, ancorando a tese defendida pelo autor do texto. Argumentar é apresentar justificativas, razões para fundamentar um posicionamento. Logo, o ato de descrever pode funcionar com um recurso articulado pelo emissor para expressar o seu posicionamento.

Portanto, essa proposta visa a levar o aluno a reconhecer o papel relevante da sequência descritiva como estratégia de argumentatividade em gêneros opinativos. Possibilita, também, maior competência na articulação dessa sequência, na leitura e elaboração de textos argumentativos.

Finalizando, formulou-se uma proposta de produção textual com o objetivo de propiciar ao discente um maior conhecimento do gênero artigo de opinião, além do desenvolvimento de uma maior competência leitora e de escrita, articulando a sequência descritiva como uma estratégia de argumentatividade.

Vale ressaltar que ampliar a convivência do aluno com a diversidade de textos em diferentes esferas é possibilitar de ele ter um maior acesso a letramentos múltiplos, exercendo sua cidadania mais consciente e participando ativamente da sociedade e, por conseguinte, aprofundá-la.

Acredita-se que os exercícios propostos neste capítulo proporcionem um novo olhar sobre a sequência descritiva, reconhecendo a relevância de seu ensino nos livros didáticos do Ensino Médio, alavancando, assim, a proficiência leitora e escrita dos discentes em diferentes gêneros textuais.

As propostas formuladas neste capítulo levantaram questões importantes sobre a sequência descritiva, tendo como suporte os estudos teóricos de Adam (2008), em textos narrativos e argumentativos, propiciando uma maior diversidade de gêneros. Aspectos discursivos relevantes da sequência descritiva, não mencionados nos livros didáticos do Ensino Médio analisados, foram abordados.

Como foi observado, o tratamento dado à sequência descritiva por esses livros ainda segue uma concepção tradicional: essa é vista como uma tipologia de texto (narração, descrição e dissertação) e não como uma das sequências textuais que compõem a planificação de um texto. Esse, por sua vez, é um todo formado por partes, constituídas, ou não, por sequências identificáveis. Essas sequências são responsáveis pela organização sequencial da textualidade.

A defesa dessa abordagem implica em uma alternativa metodológica para a realização de atividades de linguagem que propicia os atos de ler e de escrever, tomados como instrumento de interação nas práticas sociais. Além disso, desenvolve o conhecimento da estrutura da sequência descritiva, reconhecendo sua relevância na articulação de ideias e na construção do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido, nesta tese, possibilitou-nos constatar algumas questões importantes sobre o ensino da sequência descritiva nos livros didáticos de Ensino Médio, aprovados pelo PNL D.

Primeiramente, não é prioridade, nos livros didáticos de Ensino Médio, o ensino da sequência descritiva, visto que, somente em quatro dos oito livros analisados, essa é abordada, estando presente, em três livros, no volume um, referente à primeira série do Ensino Médio. e, no livro *Viva Português*, volume único, em dois capítulos. Ressalta-se que, dos quatro livros, somente em um, essa sequência é o assunto do capítulo. Nos outros LDP, o foco do capítulo é um gênero textual e a sequência descritiva é abordada em uma seção da parte de Produção de texto.

Esse fato responde à pergunta levantada na introdução de por que os livros didáticos não desenvolvem uma abordagem sobre a sequência descritiva mais aprofundada. Esses priorizam o estudo dos gêneros, seguindo as orientações dos PCNs, mas não abordam o ensino das sequências textuais que os compõem. Quando o fazem, privilegiam as sequências narrativas e argumentativas, deixando de desenvolver um olhar mais aprofundado na sequência descritiva, presente em vários gêneros.

Observou-se também que, embora o foco do ensino dos LDP sejam os gêneros textuais, atendendo aos Parâmetros Curriculares Nacionais, a abordagem desses não apresenta uma sistematização coerente, visto não haver um estudo sobre as sequências textuais que estruturam os gêneros, prejudicando, assim, um conhecimento maior da estrutura dos diversos gêneros abordados.

Sobre o ensino da sequência descritiva, constatou-se que a abordagem segue uma concepção tradicional, trabalhando-a referencialmente (**o que é** e **como é** descrever, de forma objetiva ou subjetiva), sendo um recurso ou técnica que “dá mais vida” ao texto, presente em gêneros textuais, predominantemente, narrativos, fictícios e não fictícios. A sequência descritiva também é mencionada em textos instrucionais e no gênero anúncio-classificado. Essa não é abordada em textos argumentativos.

Quanto aos recursos linguísticos articulados na sequência descritiva, mencionam-se os elencados tradicionalmente como os adjetivos, locuções adjetivas, verbos de estado e comparações. Esse fato limita o discente na elaboração de uma sequência descritiva, pois há

outros recursos importantes tais como substantivos, verbos de ação, aposto, advérbios qualificativos, sufixos, metáforas e metonímias. Esses recursos contribuem para o enriquecimento da construção da sequência descritiva.

Outro problema detectado é não se estudar a escolha e a seleção vocabular na organização da sequência descritiva, visto que as palavras estabelecem relações de sentido, expressando uma intencionalidade discursiva. Acresce, também, que aumentar o estoque lexical significa melhorar a competência descritiva tanto do descritor quanto do leitor.

Em relação aos exercícios formulados nos LDP analisados sobre a sequência descritiva, esses não possibilitam um conhecimento maior dessa sequência, sendo propostas de questões, muitas vezes, soltas, desconectadas do texto da seção ou do capítulo, prejudicando a compreensão do sentido do texto e impedindo uma desenvoltura maior do discente na articulação dessa sequência. Por isso, foram propostos exercícios considerados produtivos, no capítulo três desta tese.

Outro ponto relevante detectado na análise dos livros didáticos do Ensino Médio do corpus deste trabalho é que esses não abordam o estudo das funções discursivas da sequência descritiva, principalmente, a função argumentativa, que atende a um posicionamento do descritor em relação ao referente descrito, por meio de processos determinativos ou avaliativos. Saber articular a sequência descritiva como estratégia de argumentatividade é possibilitar uma maior competência discursiva.

Ressalta-se, também, que, nos capítulos dos LDP, em que a sequência descritiva é abordada, as propostas de produção de textos formuladas pedem que o discente elabore um texto descritivo, desconectado de um gênero textual, dificultando, assim, saber o que será o texto, a quem se destina e a sua finalidade comunicativa. Esse tipo de proposta corrobora uma concepção tradicional que tira o caráter discursivo do texto, prejudicando o desenvolvimento das competências de leitura e de escrita do discente.

Além disso, essa abordagem não atende aos Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais entendem que o foco do ensino da língua é o texto materializado em um gênero, orientando que se trabalhe com a maior variedade possível de gêneros textuais, ampliando a competência de atuação social do aluno.

Sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, é preciso chamar atenção que, embora preconizem o ensino do texto materializado em gêneros discursivos (nomenclatura adotada

pelos PCNs), esses apresentam uma falha ao não mencionarem o estudo das sequências textuais que estruturam esses gêneros.

Acresce, também, que os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental não deixam clara a distinção entre gêneros e tipos de texto, gerando uma confusão entre a noção de gênero e de tipologização das sequências textuais. Já os PCNs do Ensino Médio não mencionam o termo tipos de texto ou sequências textuais.

Há, apenas, uma referência a tipos de discurso na competência **Compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade**: “o uso depende de se ter conhecimento sobre o dito/escrito (a leitura/análise), a escolha de gêneros e tipos de discurso. Tais escolhas refletem conhecimento e domínio de contratos textuais” (PCNs do E. M. 1999, p. 45). Os PCNs não esclarecem a diferença entre gêneros e tipos de discurso.

Observa-se, assim, o vazio existente nos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre essa conceituação teórica, fato esse que pode dificultar o entendimento do professor, prejudicando o seu trabalho em sala de aula. Todavia, não se pode negar a relevância dos PCNs como norteadores de uma nova visão de ensino da língua e de uma nova prática pedagógica.

Sabendo-se que o texto é o foco do ensino da língua e que esse apresenta uma estrutura sequencial, geralmente, heterogênea, é mister, portanto, nas aulas de língua portuguesa, estudar as multiplicidades de sequências textuais possíveis em nossa língua e explorá-las, observando como essas se relacionam, formando um todo. Nessa perspectiva, vale lembrar que a sequência descritiva não funciona somente para apresentar propriedades e aspectos de um referente, desenvolvendo a habilidade de descrever. Essa contribui, também, para as habilidades de narrar e de argumentar.

Acrescenta-se que o ensino das sequências que estruturam os gêneros textuais, em especial, a descritiva, atende às Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Essas propõem uma prática pedagógica que prioriza as atividades de linguagem: falar, escrever, ouvir e ler, “tomadas ora como instrumento de interação, portanto como objeto de uso, ora como objeto de reflexão sobre os usos e as formas que elas encarnam nos eventos de comunicação” (O. C. E. M. 2006, p.37)

Ressalta-se, então, que estudar a sequência descritiva, presente na estrutura de vários gêneros textuais, é promover uma renovação no trabalho com a redação escolar

tradicionalmente praticado nos livros didáticos. Essa abordagem de ensino da sequência descritiva nas aulas de produção de textos favorece uma maior competência redacional dos alunos, atendendo aos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Assim, para um estudo eficaz sobre a sequência descritiva, presente em diversos gêneros textuais, é necessário conhecer sua organização e sua estrutura, a fim de se ter um conhecimento mais aprofundado dessa. É importante, também, saber analisá-la por meio das operações descritivas propostas por Adam (2008), o que favorecerá um desenvolvimento da competência descritiva e do entendimento/ compreensão do texto.

É importante lembrar que a escolha/seleção lexical articulada na operação de aspectualização da sequência descritiva atende a uma intencionalidade do descritor, orientando o olhar do interlocutor/leitor a ver o referente descrito do modo como ele(o descritor) deseja que esse seja visto.

Como os exercícios formulados nos livros didáticos sobre a sequência descritiva não propiciam um maior conhecimento dessa, foram propostas atividades no capítulo três deste trabalho, visando a desenvolver um maior conhecimento da sequência descritiva em uma perspectiva funcional, possibilitando ao aluno reconhecer a importância da escolha lexical e dos vários recursos linguísticos que podem ser articulados na construção dessa.

Pela longa experiência de sala de aula, acredito que o estudo da sequência descritiva, analisando-a por meio das operações descritivas propostas por Adam (2008), favorece o discente a construir/ler com maior proficiência textos nesta perspectiva. Acresce, ainda, que a análise da sequência descritiva possibilita-o o reconhecimento da intenção do descritor, seu universo de conhecimento, a finalidade do texto e a quem ele se destina - aspectos importantes na funcionalidade do discurso: de **o que** dizer e **como** dizer.

Além disso, o estudo da sequência descritiva que compõe os diversos gêneros textuais não deixa de ser uma estratégia cognitiva, contribuindo para o aluno ter uma maior capacidade de interpretar o texto como dotado de sentido, já que o discente precisa ativar conhecimentos prévios, tirando possíveis conclusões para as quais o texto aponta.

Como professora há quarenta anos, julgo ser necessário repensar o ensino dos gêneros e das sequências textuais nos livros didáticos de Ensino Médio, principalmente, o da sequência descritiva que, há muito, ficou relegada a um segundo plano, vista como uma

sequência subalterna à sequência narrativa, sendo, apenas, um recurso expressivo para dar mais “vida” ao texto e desenvolver a imaginação e a sensibilidade do leitor.

É imprescindível que os livros didáticos incluam o ensino das sequências textuais para que o trabalho com os gêneros textuais possa ser fortalecido. Não basta oferecer uma diversidade de gêneros ao discente. É preciso ensiná-lo a ter um maior conhecimento e domínio desses para que possa articulá-los e reconhecê-los nas práticas sociais. Para isso, é fundamental que o aluno conheça as sequências que os estruturam.

Observa-se, assim, que há um longo caminho a ser percorrido pelos livros didáticos sobre o ensino da sequência descritiva. Ressalta-se que o livro didático é uma ferramenta importante para os professores e as falhas e as impropriedades dos LDP podem gerar problemas no processo ensino-aprendizagem da língua, a partir do estudo do texto, materializado em gêneros textuais, prejudicando o desenvolvimento das competências leitora e escrita dos discentes.

É importante dizer que a análise desenvolvida neste trabalho provou a hipótese levantada de que a sequência descritiva está presente em diversos gêneros textuais, contribuindo para o desenvolvimento da capacidade de entendimento/compreensão do texto. Sendo assim, é preciso aprofundar o ensino da sequência descritiva, contribuindo para que o discente tenha maior competência no ato de produção de texto, seja em situação de redação, seja em situação de leitura.

Ressalta-se que, apesar de a sequência descritiva exercer várias funções discursivas em diferentes gêneros textuais, optou-se, nesta tese, em priorizar a função argumentativa, visto ser essa um recurso importantíssimo para orientar o interlocutor/leitor na intencionalidade do texto, embora não seja explorado no ensino dessa sequência nos livros didáticos de Ensino Médio analisados.

Mais uma vez, vale lembrar que a sequência descritiva não pode ter um enfoque pedagógico como um tipo de redação, ao lado da narração e da dissertação. Essa concepção tradicional impede o aluno de pensar, produzir e ler textos com proficiência, visto que a produção de sentidos do texto não se realiza com base apenas nos elementos linguísticos presentes na superfície textual, mas na sua forma de organização.

Ao se trabalhar com a noção de sequência, postulada por Adam (2008), renova-se o trabalho com a redação escolar tradicionalmente praticado nos livros didáticos, como tenho

observado ao longo desses quarenta anos de magistério. Entender a narração, a descrição e a argumentação não como tipologias de texto, mas como componentes dos gêneros textuais, é privilegiar o desenvolvimento de habilidades fundamentais de leitura e de escrita.

Acredita-se que a revisão crítica do ensino da sequência descritiva nos livros didáticos de Ensino Médio desenvolvida neste trabalho e a apresentação de uma proposta de sequência didática produtiva, baseada na teoria de Adam (2008), possam oferecer subsídios para uma prática pedagógica do ensino da Língua Portuguesa, que desenvolva as competências de leitura e de escrita na construção e recepção de textos, atendendo aos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Finalizando, acresce-se que a escassez de bibliografia e de material didático referente à sequência descritiva e o reconhecimento de sua relevância no desenvolvimento da capacidade de entendimento/compreensão do texto justificam a necessidade de se garantir um espaço mais efetivo sobre essa sequência nos estudos e pesquisas sobre metodologia de ensino da língua.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luíza; BERNADETE, Maria; PONTARA, Marcela. *Português: contexto, interlocução e sentido*. São Paulo: Editora Moderna, 2008.
- ADAM, Jean-Michel. *Éléments de Linguistique textuelle*. Liège: Marcaga, 1990.
- _____. *Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan, 1999.
- _____. *A linguística textual*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- _____. *Les Textes: types et prototypes*. Paris: Armand Colin, 2011.
- _____.; PETITJEAN. *Le Texte Descriptif*. France: Éditions Nathan, 1989.
- ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.
- AZEREDO, José Carlos. *Ensino de Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.
- _____. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo : Publifolha, 2008.
- BARON, Arnaud. *De la rhétorique ou de la composition oratoire et littéraire*. 2. ed. Bruxelles: Librairie Polytechnique D'Aug. Decq, 1853.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARRETO, Ricardo Gonçalves. *Português. Ser Protagonista*. São Paulo: Editora SM, 2010.
- BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean- Michel Adam. In: MEURER, J.L. et al (Org.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *PCN Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio- linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Guia de livros didáticos: PNLD2012 – Língua Portuguesa*. Ensino Médio. Brasília: MEC / FNDE, 2011.
- _____. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de Linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 2007.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.
- CAMPOS, Elizabeth; CARDOSO, Paula Marques; ANDRADE, Sílvia Letícia de. *Viva Português*. São Paulo: Editora Ática, 2011.

CAMPOS, Maria Inês; ASSUMPÇÃO, Nívia. *Tantas Linguagens*. São Paulo: Editora Scipione, 2007.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português. Linguagens*. São Paulo: Editora Atual, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

_____; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DOLZ, J; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DUTRA, Vânia L.R. *Relações Conjuntivas Causais no Texto Argumentativo*. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore.G.V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.

FERREIRA, Mauro; AMARAL, Emília; LEITE, Ricardo; ANTÔNIO, Severino. *Novas Palavras*. São Paulo: Editora FTD, 2008.

FIORINI, José L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Editora Ática, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Les Mots et les choses (une archeology de sciences humaines)- ensai publié aux Editions Gallimard, 1966.*

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação Em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

GENETTE, Gerard. Fronteiras da narrativa. In: *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

HAAS, G.; LORROT, D. Pédagogie du texte descriptif. *Pratiques*, n. 55, p.28-46, Metz. 1987.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HAMON, Philippe. O que é uma descrição. In: *Categorias da narrativa*. Lisboa: Editora Veja, 1972.

_____. *Introduction à l'analyse du descriptif*. France: Hachette, 1981.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2011-a

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Estilística e Discurso*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2011-b

_____. O Estudo do Léxico e da Sintaxe a Serviço das Aulas de Português. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar; SIMÕES, Darcilia (Org.). *Língua Portuguesa, Educação & Mudança*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2008.

HERNANDES, Roberta; MARTIN, Vima Lia. *Língua Portuguesa*. Projeto Eco. São Paulo: Editora Positivo, 2010.

HOUAISS, Antônio ; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss/Editora Objetiva, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

_____. *Intertextualidade – diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto. 1990.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MARQUESI, Sueli Cristina. *A Organização do Texto Descritivo em Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

MEURER, J.L; BONINI, A.; Motta-Roth, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NASCIMENTO, Karina Chrysóstomo de Souza. Mecanismos argumentativos no Jornalismo escrito. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida; GAVAZZI, Sigrid (Org.). *Texto e Discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca. *O Modo Descritivo de Organização do Texto*. Material utilizado no curso de Doutorado da UERJ, 2010.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida. A descrição. Curso de Pós-graduação *Língua Portuguesa- visão discursiva*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras-EB/CEP- Centro de Estudos de Pessoal, 2001.

PAVEAU-Marie-Annee SARFATI, Georges-Élia. *As grandes teorias da Linguística*. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Metáfora Editora. 2012.

SANTOS, Leonor Werneck (Org.). *Gêneros Textuais nos livros didáticos de Português: uma análise de manuais do ensino fundamental*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. Livro eletrônico. Disponível em: <www.lignet.pro.br>. Acesso em: 30 jan. 2013.

SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. *Português. Literatura. Gramática. Produção de Texto*. São Paulo: Editora Moderna, 2010.

SLAKTA, DENIS. Grammaire de texte : synonymie et paraphrase. In: FUCHS, Catherine (Org.) *Aspects de l'ambiguïté et de la paraphrase dans les langues naturelles*. Berne: Peter Lang, 1985. p. 123-140.

VALENTE, André Crim; SANTOS, Denise Salim; CORADO, Patrícia Ribeiro. Lexicologia e discurso na mídia e na literatura. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília (Org.). *Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2005.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

WERLICH, E. *A Text Grammar of English*. Heidelberg: Quelle und Meyer, 1976.

ANEXO A – “Sumário” da Coleção *Novas Palavras*, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, volume 1.

S U M Á R I O	
LITERATURA	
1	Literatura: a arte da palavra 15
	Primeira leitura: Obras de arte – Kandinsky..... 15
	Leitura: <i>O que é arte?</i> – H. W. Janson..... 17
	Leitura de imagem 19
	A literatura 21
	Leitura: <i>Andorinha</i> 22
	<i>As andorinhas de Antônio Nobre</i> – Cassiano Ricardo 23
	A história da literatura 25
	Literatura e realidade..... 26
	Leitura: <i>Pausa</i> – Mário Quintana..... 26
	Funções da literatura..... 28
	Leitura: <i>Meu pavo, meu poema</i> – Ferreira Gullar 29
	Síntese dos conteúdos estudados 30
	Atividades 30
2	O texto literário 33
	Primeira leitura: <i>Balada do amor através das idades</i> –
	Carlos Drummond de Andrade..... 33
	A leitura do texto literário 35
	Níveis de leitura..... 36
	O texto e o leitor 37
	Os gêneros literários 39
	Leitura: <i>Majestic Hotel</i> – Sergio Faraco..... 42
	Leitura: <i>Quando ela passa</i> – Fernando Pessoa..... 46
	Leitura: <i>Preto e Branco</i> – Luís Fernando Veríssimo 47
	Leitura: <i>Jogos florais</i> – Cacaso..... 50
	Síntese dos conteúdos estudados 53
	Atividades 54

3	0 Trovadorismo	56
	Primeira leitura: <i>Da sonor mystica</i> – Dora Ferreira da Silva.....	56
	Leitura: <i>Cantiga</i> – Estevam Coelho.....	59
	Um pouco de História.....	61
	Leitura de imagem.....	64
	A poesia no período trovadoresco.....	65
	Leitura: <i>Cantiga de amigo</i> – Martim Codax.....	67
	Leitura: <i>Cantiga de amor</i> – D. Dinis.....	69
	Leitura: <i>Cantiga de escárnio</i> – Pero Larouco.....	72
	Síntese dos conteúdos estudados.....	73
	Atividades.....	73
4	0 Humanismo	75
	Primeira leitura: <i>Cantiga sua partindo-se</i> – João Ruíz de Castelo Branco.....	75
	Leitura: <i>Lembrança de João Roiz de Castel Branco</i> – José Saramago.....	77
	Um pouco de História.....	78
	A poesia palaciana.....	80
	A prosa do período humanista.....	82
	Leitura: <i>O cerco de Lisboa</i> – Fernão Lopes.....	84
	Leitura: <i>Monólogo do vaqueiro</i> – Gil Vicente.....	86
	<i>Todo o Mundo e Ninguém</i> – Gil Vicente.....	88
	Leitura de imagem.....	91
	Síntese dos conteúdos estudados.....	95
	Atividades.....	95
5	0 Renascimento	99
	Primeira leitura: <i>Soneto</i> – Ivan Junqueira.....	99
	O Renascimento ou Classicismo.....	101
	Leitura: <i>Soneto</i> – Luís de Camões.....	103
	Leitura de imagem.....	105
	Um pouco de História.....	106
	O Renascimento em Portugal.....	107
	Camões.....	108
	Leitura: <i>Cantiga</i> – Luís de Camões.....	109
	Leitura: <i>Soneto</i> – Luís de Camões.....	111
	Leitura: <i>Soneto</i> – Luís de Camões.....	112
	Leitura: Fragmentos de <i>Os Lusíadas</i> – Luís de Camões.....	115
	Síntese dos conteúdos estudados.....	120
	Atividades.....	121

6	O Quinhentismo brasileiro	125
	Primeira leitura: Fragmento de <i>A Carta de Pero Vaz de Caminha</i>	125
	Um pouco de História.....	128
	Manifestações literárias	129
	Leitura: Fragmentos de Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães Gândavo e Fernão Cardim	130
	Síntese dos conteúdos estudados	133
	Atividades	133
7	O Barroco português	136
	Primeira leitura: <i>Sermão do bom ladrão</i> – Pe. Antônio Vieira.....	136
	O Barroco	139
	Leitura: <i>A morte</i> – Pe. Antônio Vieira	140
	Leitura de imagem	143
	Leitura: <i>AF, favorecendo com a boca e desprezando com os olhos</i> – Jerônimo Baía.....	145
	<i>A uma ausência</i> – Antônio Barbosa Bacelar.....	145
	Um pouco de História.....	147
	Pe. Antônio Vieira	148
	Leitura: Fragmento do <i>Sermão da Sexagésima</i> – Pe. Antônio Vieira.....	150
	Síntese dos conteúdos estudados	151
	Atividades	152
8	O Barroco brasileiro	154
	Primeira leitura: <i>À cidade da Bahia</i> – Gregório de Matos	154
	Um pouco de História.....	157
	Leitura: Fragmento de <i>Boca do inferno</i> – Ana Miranda	158
	O Barroco brasileiro.....	159
	Botelho de Oliveira	160
	Gregório de Matos.....	161
	Leitura: <i>A Jesus Cristo Nosso Senhor</i> – Gregório de Matos	162
	Leitura: <i>Aos vícios</i> – Gregório de Matos.....	165
	Síntese dos conteúdos estudados	166
	Atividades	166
9	O Neoclassicismo português	168
	Primeira leitura: <i>Soneto</i> – Manuel Maria Barbosa du Bocage.....	168
	Um pouco de História.....	170
	O Neoclassicismo ou Arcadismo	171

Leitura de imagem	174
Leitura de imagem	175
Leitura: Fragmentos de poemas de Fernando Pessoa.....	176
Bocage.....	177
Leitura: Sonetos de Bocage	177
Leitura: Sonetos de Bocage	180
Síntese dos conteúdos estudados	182
Atividades	182

10 O Neoclassicismo brasileiro	184
Primeira leitura: Sonetos de Cláudio Manuel da Costa.....	184
Um pouco de História.....	186
O Barroco mineiro.....	187
Leitura de imagem	188
Leitura: <i>Aleijadinho</i> – Fernando Paixão.....	190
Cláudio Manuel da Costa.....	191
Tomás Antônio Gonzaga.....	192
Leitura: Fragmentos de líras de Tomás Antônio Gonzaga.....	194
Leitura: <i>A morte de Lindoia</i> – Basílio da Gama.....	198
Síntese dos conteúdos estudados	202
Atividades	202

Gramática

1 Gramática... gramáticas	206
Leitura inicial.....	206
As diferentes gramáticas.....	208
Variedades linguísticas	210
Síntese dos conteúdos estudados	212
Atividades	212
Adequação e inadequação linguística.....	215
Atividades.....	216
Da teoria à prática	218
Agora é a sua vez.....	219

2	Noções de variação linguística.....	223
	Introdução	223
	Variação sociocultural	225
	Variação histórica	225
	Variação geográfica	227
	Variação situacional.....	228
	Origens e geografia da língua portuguesa.....	229
	O português de Portugal e o português brasileiro.....	230
	Síntese dos conteúdos estudados	231
	Atividades.....	231
	Da teoria à prática	235
	Agora é a sua vez.....	236
3	Figuras de linguagem.....	239
	Introdução	239
	Sentido denotativo e sentido conotativo.....	239
	Principais figuras de linguagem (1º grupo).....	240
	Síntese dos conteúdos estudados	249
	Atividades.....	250
	Principais figuras de linguagem (2º grupo).....	252
	Principais figuras de linguagem (3º grupo).....	254
	Síntese dos conteúdos estudados	259
	Atividades.....	260
	Da teoria à prática	262
	Agora é a sua vez.....	263
4	Noções de semântica.....	267
	Introdução	267
	Significação das palavras.....	268
	Síntese dos conteúdos estudados	272
	Atividades.....	273
	Expressão idiomática, paráfrase, polissemia e ambiguidade	274
	Síntese dos conteúdos estudados	281
	Atividades.....	281
	Da teoria à prática	283
	Agora é a sua vez.....	284

5	Fonologia	287
	Fonema	287
	Dígrafo	293
	Síntese dos conteúdos estudados	293
	Atividades	294
	Encontros vocálicos	296
	A palavra e suas sílabas	298
	Síntese dos conteúdos estudados	299
	Atividades	300
	Da teoria à prática	302
	Agora é a sua vez.....	302
6	Acentuação gráfica	307
	Introdução	307
	Regras de acentuação gráfica	308
	Regras gerais.....	309
	Síntese dos conteúdos estudados	311
	Atividades	312
	Regras complementares	314
	Síntese dos conteúdos estudados	317
	Atividades	318
	Da teoria à prática	320
	Agora é a sua vez.....	320
7	Estrutura e formação de palavras	324
	Introdução	324
	Palavras primitivas, derivadas e compostas	325
	Processos de formação de palavras.....	326
	Derivação	326
	Síntese dos conteúdos estudados	331
	Atividades	331
	Composição	335
	Processos secundários	336
	Síntese dos conteúdos estudados	337
	Atividades	337
	Da teoria à prática	340
	Agora é a sua vez.....	341

8	Classes gramaticais • Funções sintáticas • Substantivo e adjetivo	344
	Introdução	344
	Classes gramaticais.....	345
	Funções sintáticas.....	346
	Substantivo e adjetivo.....	348
	Substantivo.....	349
	Síntese dos conteúdos estudados	351
	Atividades	352
	Adjetivo	354
	Síntese dos conteúdos estudados	357
	Atividades.....	357
	Da teoria à prática	361
	Agora é a sua vez.....	361
9	Flexões do substantivo e do adjetivo	364
	Introdução	364
	Flexões do substantivo.....	365
	Gênero do substantivo	365
	Número do substantivo	366
	Formação do aumentativo e do diminutivo – grau do substantivo	368
	Síntese dos conteúdos estudados	369
	Atividades.....	369
	Flexões do adjetivo.....	371
	Gênero e número do adjetivo.....	372
	Grau do adjetivo.....	373
	Síntese dos conteúdos estudados	374
	Atividades.....	375
	Da teoria à prática	377
	Agora é a sua vez.....	377
10	Artigo e numeral	381
	Artigo.....	381
	Principais empregos do artigo.....	382
	Numeral.....	384
	Classificação do numeral	385
	Emprego e leitura dos numerais	385
	Síntese dos conteúdos estudados	387
	Atividades.....	387
	Da teoria à prática	391
	Agora é a sua vez.....	391

Redação e Leitura

1	Liberação da linguagem e do pensamento	396
	Atividades	398
	Síntese dos conteúdos estudados	400
	Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	400
2	Linguagens: entre textos, entre linhas	401
	Atividade	401
	Síntese dos conteúdos estudados	408
	Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	408
3	Experiências de enumeração	409
	Atividades	410
	Atividades	415
	Síntese dos conteúdos estudados	417
	Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	417
4	As modalidades clássicas: descrever, narrar, dissertar	418
	Atividades	420
	Atividade	426
	Síntese dos conteúdos estudados	427
	Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	427
5	Leitura: interpretação e análise de texto	428
	Atividade	429
	Atividades	433
	Síntese dos conteúdos estudados	437
	Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	437

6 O que é descrever?	438
Atividade	441
Atividades	443
Síntese dos conteúdos estudados	445
Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	445
7 Descrição: subjetiva e objetiva; estática e dinâmica	446
Atividades	447
Atividades	450
Atividades	451
Atividades	455
Síntese dos conteúdos estudados	457
Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	458
8 O que é narrar?	459
Atividades	462
Síntese dos conteúdos estudados	467
Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	467
9 O mundo narrado	469
Atividades	472
Atividades	478
Síntese dos conteúdos estudados	479
Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	480
10 O que é dissertar?	482
Atividades	484
Síntese dos conteúdos estudados	490
Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	490
Bibliografia geral	491
Para aprender mais	493

ANEXO B – “Sumário” da Coleção *Novas Palavras*, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, volume 2.

<h1>S U M Á R I O</h1>	
<h2>LITERATURA</h2>	
1	O Romantismo em Portugal 15
	Primeira leitura: Texto 1 – <i>Soneto</i> – Bocage..... 15
	Texto 2 – <i>Ideal</i> – Antero de Quental 15
	Leitura de imagem 18
	Um pouco de História..... 19
	Leitura: “Prefácio” – Vítor Hugo..... 20
	Características do Romantismo 22
	Leitura de imagem 24
	As gerações românticas 25
	O Romantismo em Portugal..... 26
	Um pouco de História..... 27
	Primeira geração romântica portuguesa..... 28
	Almeida Garrett..... 28
	Leitura: <i>O pinhal da Azambuja</i> – Almeida Garrett..... 29
	Leitura: <i>Anjo és</i> – Almeida Garrett 34
	Alexandre Herculano..... 36
	Segunda geração romântica portuguesa..... 37
	Camilo Castelo Branco..... 38
	Leitura: <i>Amor de penitência</i> (fragmento) – Camilo Castelo Branco 39
	Terceira geração romântica portuguesa 41
	João de Deus..... 41
	Júlio Dinis..... 42
	Leitura: <i>Guida e Daniel</i> – Júlio Dinis 43
	Síntese dos conteúdos estudados 45
	Atividades 46
2	O Romantismo no Brasil 49
	Primeira leitura: <i>Canção do exílio</i> – Gonçalves Dias..... 49
	Um pouco de História..... 54
	O Romantismo no Brasil..... 56
	Leitura: Fragmentos – Gonçalves de Magalhães 57

Leitura de imagem	59
Primeira geração romântica brasileira	60
Gonçalves Dias	61
Leitura: <i>Marrabá</i> – Gonçalves Dias	63
Segunda geração romântica brasileira	68
Junqueira Freire	68
Casimiro de Abreu	69
Álvares de Azevedo	70
Leitura: Texto 1 – Soneto – Álvares de Azevedo	71
Texto 2 – <i>É ela! É ela! É ela! É ela!</i> – Álvares de Azevedo	71
Terceira geração romântica brasileira	73
Fagundes Varela	74
Leitura: <i>Cântico do calvário</i> – Fagundes Varela	75
Castro Alves	76
Leitura: <i>O navio negreiro</i> (fragmento) – Castro Alves	77
Síntese dos conteúdos estudados	81
Atividades	82

3 A prosa romântica brasileira	85
Primeira leitura: XIV – <i>Pedilúvio sentimental</i> – Joaquim Manuel de Macedo	85
Um pouco de História	90
A prosa romântica	90
Joaquim Manuel de Macedo	91
José de Alencar	92
Leitura: Texto 1 – <i>Iracema</i> – José de Alencar	94
Texto 2 – <i>Senhora</i> – José de Alencar	95
Manuel Antônio de Almeida	98
Leitura: <i>O nascimento do herói</i> – Manuel Antônio de Almeida	99
A prosa romântica regionalista	100
O teatro romântico	101
Martins Pena	101
Leitura: <i>O navio</i> – Martins Pena	102
Síntese dos conteúdos estudados	104
Atividades	104

4 O Realismo e o Naturalismo em Portugal	110
Primeira leitura: Tela – <i>O enterro de Atala</i> – Anne-Louis Girodet	110
Tela – <i>Enterro em Ornans</i> – Gustave Coubert	111
Leitura: <i>Mais luz!</i> – Antero de Quental	113
Um pouco de História	115
O surgimento das Escolas Realistas	117
Leitura: Fragmentos de <i>O primo Basílio</i> – Eça de Queirós	119
O Realismo e o Naturalismo em Portugal	121

A Questão Coimbra e as Conferências do Cassino Lisbonense.....	122
A poesia realista portuguesa	123
Antero de Quental.....	124
Outros poetas realistas	125
Guerra Junqueiro	125
Gomes Leal	125
Cesário Verde.....	125
Leitura: <i>O sentimento dum ocidental</i> (fragmento) – Cesário Verde.....	126
A prosa do Realismo-Naturalismo português	127
Eça de Queirós.....	128
Leitura: Texto 1 – Opinião de Machado de Assis sobre <i>O crime do padre Amaro</i>	129
Texto 2 – <i>O crime do padre Amaro</i> – Eça de Queirós.....	129
Síntese dos conteúdos estudados	132
Atividades	132

5 O Realismo e o Naturalismo no Brasil	137
Primeira leitura: <i>Tela – Vagão de terceira classe</i> – Honoré Daumier.....	137
Leitura: Fragmento de <i>O cortiço</i> – Aluísio Azevedo.....	138
Um pouco de História.....	142
O Realismo e o Naturalismo no Brasil	144
Aluísio Azevedo	145
Leitura: Fragmentos de <i>O mulato</i> – Aluísio Azevedo	146
Leitura: Fragmentos de <i>O cortiço</i> – Aluísio Azevedo	148
Outros autores e obras naturalistas	150
Raul Pompeia.....	150
Leitura: Fragmentos de <i>O Ateneu</i> – Raul Pompeia	152
A ficção regionalista	154
Síntese dos conteúdos estudados	154
Atividades	155

6 O Realismo psicológico de Machado de Assis.....	162
Primeira leitura: <i>Uns braços</i> – Machado de Assis.....	162
O Realismo machadiano	167
Estudo dos principais romances machadianos.....	168
Leitura: <i>Capítulo XXVII – Virgília?</i> (Fragmento de <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>) – Machado de Assis.....	170
Leitura: Fragmento do capítulo V de <i>Quincas Borba</i> – Machado de Assis.....	172
Leitura: Texto 1 – <i>Capítulo XXXII – Olhos de vessaca</i> (Fragmento de <i>Dom Casmurro</i>) – Machado de Assis.....	175
Texto 2 – <i>Capítulo XXXIII – O penteado</i> (Fragmento de <i>Dom Casmurro</i>) – Machado de Assis	176
Os contos de Machado de Assis	180

Os recursos estilísticos.....	180
Leitura: Fragmento de <i>Uns braços</i> – Machado de Assis.....	182
Síntese dos conteúdos estudados	185
Atividades	186

7 O Parnasianismo no Brasil	190
Primeira leitura: <i>Nel mezzo del camin...</i> – Olavo Bilac.....	190
As Escolas Realistas e o Parnasianismo	193
Características do Parnasianismo	194
Leitura de imagem	195
O Parnasianismo no Brasil.....	197
Estudo dos principais autores e obras.....	197
Olavo Bilac.....	198
Leitura: <i>Satânia</i> – Olavo Bilac.....	198
Alberto de Oliveira.....	200
Raimundo Correia.....	200
Leitura: Texto 1 – <i>Vaso chinês</i> – Alberto de Oliveira.....	200
Texto 2 – <i>A cavalgada</i> – Raimundo Correia	201
Síntese dos conteúdos estudados	203
Atividades	203

8 O Simbolismo em Portugal	206
Primeira leitura: Trecho do prefácio de <i>Oaristos</i> – Eugênio de Castro	206
Um pouco de História.....	208
O estilo simbolista: origens francesas.....	209
Leitura de imagem	210
Características do Simbolismo.....	211
O Simbolismo em Portugal.....	212
Um pouco de História.....	212
Leitura: Texto 1 – Trecho crítico acerca do Simbolismo – Antônio Soares Amora	213
Texto 2 – Trecho crítico acerca do Simbolismo – Antônio José Saraiva e Óscar Lopes.....	214
Estudo dos principais autores e obras.....	215
Eugênio de Castro	215
Antônio Nobre.....	216
Leitura: Soneto – Antônio Nobre.....	216
Camilo Pessanha.....	217
Leitura: <i>Interrogação</i> – Camilo Pessanha.....	219
Em tom de conversa.....	220
Síntese dos conteúdos estudados	221
Atividades	221

9	0 Simbolismo no Brasil	226
	Primeira leitura: Trechos de cartas – Cruz e Sousa.....	226
	Características do Simbolismo brasileiro.....	228
	Leitura: <i>Antifona</i> – Cruz e Sousa.....	229
	Estudo dos principais autores e obras.....	233
	Cruz e Souza.....	233
	Leitura: <i>Dor negra</i> – Cruz e Sousa.....	233
	Alphonsus de Guimaraens.....	236
	Leitura: <i>Hão de chorar por ela os cinamomos...</i> – Alphonsus de Guimaraens.....	236
	Síntese dos conteúdos estudados.....	238
	Atividades.....	239

Gramática

1	Revisão (classes gramaticais, funções sintáticas e relações morfossintáticas) • Pronome (1ª parte)	246
	Revisão.....	246
	Classe gramatical.....	246
	Função sintática.....	247
	Pronome.....	250
	Classificação dos pronomes.....	251
	Pronomes pessoais.....	251
	Pronomes possessivos.....	259
	Síntese dos conteúdos estudados.....	262
	Atividades.....	263
	Da teoria à prática.....	266
	Agora é a sua vez.....	266
2	Pronome (2ª parte)	269
	Introdução.....	269
	Pronomes demonstrativos.....	269
	Pronomes indefinidos.....	273
	Pronomes relativos.....	274
	Pronomes interrogativos.....	278
	Síntese dos conteúdos estudados.....	279
	Atividades.....	280
	Da teoria à prática.....	284
	Agora é a sua vez.....	284

3	Verbo (1ª parte)	287
	Introdução	287
	Conceito.....	288
	Estudo do verbo.....	290
	Conjugações verbais	290
	Flexões do verbo.....	290
	Verbo regular e verbo irregular.....	296
	Síntese dos conteúdos estudados	297
	Atividades	298
	Da teoria à prática	301
	Agora é a sua vez.....	301
4	Verbo (2ª parte)	304
	Estudo do verbo (continuação)	304
	Formação dos tempos verbais simples	304
	Aspecto verbal – as diferentes durações do tempo	311
	Correlação entre os tempos verbais	311
	Conjugação de alguns verbos	312
	Síntese dos conteúdos estudados	314
	Atividades	315
	Da teoria à prática	318
	Agora é a sua vez.....	319
5	Palavras invariáveis	322
	Introdução	322
	Palavras invariáveis	322
	Advérbio.....	322
	Síntese dos conteúdos estudados	327
	Atividades	327
	Preposição.....	329
	Síntese dos conteúdos estudados	331
	Atividades	332
	Conjunção.....	333
	Interjeição.....	335
	Síntese dos conteúdos estudados	336
	Atividades	336
	Da teoria à prática	338
	Agora é a sua vez.....	339

6	Introdução ao estudo da sintaxe •	
	Sujeito e predicado	342
	Introdução ao estudo da sintaxe	342
	Seleção e combinação de palavras.....	342
	Análise sintática.....	343
	Sujeito e predicado.....	345
	Características do sujeito.....	347
	Predicado.....	349
	Classificação do sujeito.....	350
	Síntese dos conteúdos estudados	353
	Atividades.....	354
	Da teoria à prática.....	357
	Agora é a sua vez.....	358
7	Tipos de verbo no predicado •	
	Termos associados ao verbo	361
	Introdução	361
	Tipos de verbo no predicado.....	362
	Verbo de ligação	363
	Verbo significativo	364
	Síntese dos conteúdos estudados	366
	Atividades.....	367
	Termos associados ao verbo.....	369
	Objeto direto e objeto indireto	369
	Síntese dos conteúdos estudados	372
	Atividades.....	373
	Agente da passiva.....	374
	Adjunto adverbial.....	376
	Síntese dos conteúdos estudados	377
	Atividades.....	378
	Da teoria à prática.....	380
	Agora é a sua vez.....	380
8	Termos associados a nomes • Vocativo	384
	Termos associados a nomes	384
	Introdução	384
	Adjunto adnominal	385
	Predicativo	386
	Síntese dos conteúdos estudados	390

Atividades	390
Complemento nominal	392
Aposto	394
Vocativo	396
Síntese dos conteúdos estudados	398
Atividades	398
Da teoria à prática	401
Agora é a sua vez	402

REDAÇÃO e LEITURA

1 Linguagens: entre textos, entre linhas	406
Atividade	406
Síntese dos conteúdos estudados	415
Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	416
2 O diário pessoal	419
Atividade	421
Atividades	423
Síntese dos conteúdos estudados	424
Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	425
3 O relatório	427
Atividades	434
Síntese dos conteúdos estudados	438
Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	438
4 A resenha	441
Atividades	443
Atividades	447
Atividades	449
Síntese dos conteúdos estudados	451
Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	451

5	Do relato à narrativa ficcional: modos de apresentação de personagens	453
	Atividades	454
	Atividades	462
	Síntese dos conteúdos estudados	466
	Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	466
6	Enredo linear e enredo não linear	468
	Atividades	475
	Atividades	476
	Síntese dos conteúdos estudados	479
	Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	480
7	Narrador: a voz que conta a história	481
	Atividades	483
	Atividades	484
	Atividades	488
	Síntese dos conteúdos estudados	490
	Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	491
8	Narrar e dissertar	494
	Atividades	496
	Atividades	500
	Síntese dos conteúdos estudados	504
	Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	504
	Bibliografia geral	506
	Para aprender mais	508

ANEXO C – “Sumário” da Coleção *Novas Palavras*, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, volume 3.

S U M Á R I O

L I T E R A T U R A

1	0 Pré-Modernismo no Brasil	15
	Primeira leitura: <i>Como imagino o Municipal amanhã</i> – João do Rio	15
	Um pouco de História.....	19
	Principais características do Pré-Modernismo no Brasil.....	20
	Principais escritores e obras do Pré-Modernismo brasileiro	21
	Augusto dos Anjos	21
	Leitura: “Versos íntimos” – Augusto dos Anjos.....	22
	Euclides da Cunha.....	24
	Monteiro Lobato	24
	Lima Barreto	25
	Leitura: Texto 1 – <i>Urupês</i> – Monteiro Lobato	27
	Texto 2 – <i>Os sertões</i> (fragmento) – Euclides da Cunha.....	28
	Texto 3 – <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> (fragmento) – Lima Barreto.....	29
	Síntese dos conteúdos estudados	30
	Atividades	30
2	As vanguardas artísticas europeias e o Modernismo no Brasil	37
	Primeira leitura: Correspondência entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira	37
	Um pouco de História.....	40
	As vanguardas artísticas europeias.....	41
	Leitura: Fragmento de “Ode triunfal” – Álvaro de Campos	43
	Leitura: “Estudo nº 6” – Murilo Mendes	48
	Leitura: “Ode ao burguês” – Mário de Andrade	49
	Síntese dos conteúdos estudados	52
	Atividades	53

3	Semana de Arte Moderna	58
	Primeira leitura: <i>Tarsila</i> – Maria Adelaide Amaral	58
	Um pouco de História.....	63
	Leitura: Texto 1 – “Erro de português” – Oswald de Andrade.....	69
	Texto 2 – “Canto do regresso à pátria” – Oswald de Andrade.....	70
	Texto 3 – “Pronominais” – Oswald de Andrade	70
	Síntese dos conteúdos estudados	73
	Atividades.....	74
4	A primeira geração modernista brasileira	80
	Primeira leitura: Texto 1 – <i>Macunaíma</i> [o filme de Joaquim Pedro de Andrade] – Orlando	
	L. Fassoni.....	80
	Texto 2 – <i>Joaquim Pedro de Andrade reinventa Oswald</i> – José	
	Geraldo Couto.....	81
	A primeira geração modernista (1922-1930).....	84
	As propostas modernistas de Mário de Andrade.....	87
	Leitura: Fragmentos do <i>Prefácio interessantíssimo</i> – Mário de Andrade	87
	As propostas modernistas de Oswald de Andrade.....	89
	Leitura: Fragmentos do <i>Manifesto da Poesia Pau-Brasil</i> – Oswald de Andrade.....	89
	Fragmentos do <i>Manifesto Antropófago</i> – Oswald de Andrade.....	90
	Principais escritores e obras da primeira geração modernista.....	91
	Mário de Andrade	91
	Leitura: <i>Macunaíma</i> (fragmento) – Mário de Andrade.....	92
	Oswald de Andrade	96
	Leitura: Texto 1 – Fragmento de <i>A carta de Pero Vaz de Caminha</i>	98
	Texto 2 – “As meninas da gare” – Oswald de Andrade	98
	Texto 3 – Fragmento de <i>Macunaíma</i> – Mário de Andrade.....	98
	Manuel Bandeira.....	99
	Leitura: “Poética” – Manuel Bandeira.....	100
	Síntese dos conteúdos estudados	101
	Atividades.....	102
5	O Modernismo em Portugal e a poesia de Fernando Pessoa	108
	Primeira leitura: Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro.....	108
	Trecho da peça teatral <i>O fingidor</i> – Samir Yazbek.....	110
	Um pouco de História.....	113
	As três gerações do Modernismo português.....	114

Características literárias da geração Orpheu.....	115
Fernando Pessoa, o criador de poetas, o multiplicador de eus.....	115
Álvaro de Campos, o poeta das sensações do homem moderno.....	116
Leitura: “Lisbon revisited” – Álvaro de Campos.....	116
Ricardo Reis, o poeta neoclássico.....	117
Leitura: Odes de Ricardo Reis.....	117
Alberto Caeiro, o poeta-pastor.....	118
Leitura: “O guardador de rebanhos” – Alberto Caeiro.....	118
Fernando Pessoa ortônimo: o poeta-filósofo, que conjuga lucidez e vidência.....	119
Leitura: “Mar portuêz” – Fernando Pessoa.....	120
Síntese dos conteúdos estudados.....	123
Atividades.....	123

6 A segunda geração modernista brasileira: poesia.....	131
Primeira leitura: <i>O fim da poesia?</i> – Nelson Ascher.....	131
Um pouco de História.....	134
Características literárias da segunda geração modernista brasileira.....	135
Leitura: “Poema de sete faces” – Carlos Drummond de Andrade.....	136
Principais escritores e obras da segunda geração modernista brasileira (poesia).....	139
Vinicius de Moraes, o poeta de Eros.....	139
Leitura: “Poema dos olhos da amada” (fragmento) – Vinicius de Moraes.....	140
Cecília Meireles, a poeta de essências delicadas e sutis.....	141
Leitura: “Reinvenção” (fragmento) – Cecília Meireles.....	142
Murilo Mendes, o poeta surrealista.....	142
Leitura: “Pré-História” – Murilo Mendes.....	143
Jorge de Lima, o poeta-profeta.....	144
Leitura: “Anunciação e encontro de Mira-Celi” – Jorge de Lima.....	145
Carlos Drummond de Andrade, o poeta da escavação do real.....	145
Carlos Drummond de Andrade: poesia filosófica/poesia de mergulho no universo da linguagem.....	147
Leitura: Texto 1 – “Política literária” – Carlos Drummond de Andrade.....	148
Texto 2 – “Nosso tempo” (fragmento) – Carlos Drummond de Andrade.....	148
Síntese dos conteúdos estudados.....	149
Atividades.....	149

7 A segunda geração modernista brasileira: prosa.....	159
Primeira leitura: Paulo Emílio entrevista Leon Hirszman.....	159
A prosa neorrealista no Brasil.....	162
Principais escritores e obras do Neorrealismo brasileiro.....	163
José Lins do Rego e o ciclo da cana-de-açúcar.....	164
Leitura: <i>Fogo morto</i> (fragmento) – José Lins do Rego.....	164

Graciliano Ramos	168
Leitura: Texto 1: <i>Vidas secas</i> (fragmento) – Graciliano Ramos	169
Texto 2: <i>São Bernardo</i> (fragmento) – Graciliano Ramos	170
Síntese dos conteúdos estudados	174
Atividades	174

8

A terceira geração modernista brasileira

Primeira leitura: “O homem provisório” – Geraldo Alencar	182
Um pouco de História	185
Características literárias da terceira geração modernista brasileira	187
Principais escritores e obras da terceira geração modernista	189
João Guimarães Rosa	189
Leitura: Fragmentos de <i>Grande sertão: veredas</i> – João Guimarães Rosa	190
Clarice Lispector	193
Leitura: Fragmento de <i>A hora da estrela</i> – Clarice Lispector	194
João Cabral de Melo Neto	196
Leitura: “Morte e vida severina” (fragmento) – João Cabral de Melo Neto	198
Síntese dos conteúdos estudados	199
Atividades	200

9

Tendências contemporâneas da literatura portuguesa

Primeira leitura: <i>O flú-flú dos romancistas</i> – Anna Carolina Mello	211
“O ensaísta envergonhado” – José Castello	212
“O carpinteiro da frase” – Paulo Polzonoff Jr.	213
Um pouco de História	215
Características literárias das tendências contemporâneas da literatura portuguesa (do Modernismo à atualidade)	217
Leitura: Texto 1 – Fragmento de <i>Nome de Guerra</i> – Almada Negreiros	218
Texto 2 – Fragmento de <i>O homem disfarçado</i> – Fernando Namora	219
Principais tendências da literatura contemporânea portuguesa	221
A prosa neorrealista	221
Principais autores e obras do Neorrealismo português	222
Do Neorrealismo ao novo romance português	222
Leitura: Fragmento de <i>Levantado do chão</i> – José Saramago	224
Os escritores que tematizaram a Guerra Colonial	226
Literatura contemporânea portuguesa: poesia	227
Leitura: Texto 1 – Fragmento de poema de Sophia de Mello Breyner Andresen	228
Texto 2 – Fragmento de poema de Eugénio de Andrade	228
As literaturas africanas de expressão portuguesa	229
Leitura: Fragmento de <i>Terra sonâmbula</i> – Mia Couto	231
Síntese dos conteúdos estudados	233
Atividades	234

10	Tendências contemporâneas da literatura brasileira	241
	Primeira leitura: “Contistas do fim do mundo” – Nelson de Oliveira.....	241
	Um pouco de História.....	243
	Características literárias das tendências contemporâneas da literatura brasileira.....	245
	Leitura: Texto 1 – “Mar azul” – Ferreira Gullar.....	246
	Texto 2 – “Não há vagas” – Ferreira Gullar.....	247
	Leitura: Texto 1 – “Nação de pária” – Nelson Ascher.....	251
	Texto 2 – “Mundo mudo” – Donizete Galvão.....	251
	Leitura: “Socorrinho” – Marcelino Freire.....	257
	Leitura: <i>Auto da Compadecida</i> (fragmento) – Ariano Suassuna.....	261
	Síntese dos conteúdos estudados.....	264
	Atividades.....	265

GRAMÁTICA

1	Período composto por subordinação	
	Orações subordinadas substantivas	272
	Introdução.....	272
	Período composto por subordinação.....	272
	Oração principal e oração subordinada.....	272
	Orações subordinadas substantivas.....	274
	Conceito.....	274
	Classificação das subordinadas substantivas.....	275
	As orações substantivas nos textos.....	280
	Síntese dos conteúdos estudados.....	281
	Atividades.....	281
	Da teoria à prática.....	285
	Agora é a sua vez.....	285
2	Orações subordinadas adjetivas	288
	Introdução.....	288
	Conceito.....	288
	Características das orações subordinadas adjetivas.....	289
	Classificação das subordinadas adjetivas.....	290

As orações adjetivas nos textos	292
Síntese dos conteúdos estudados	293
Atividades	294
Da teoria à prática	295
Agora é a sua vez.....	296

3 Oração subordinada adverbial.....	298
Introdução	298
Conceito.....	298
Classificação das subordinadas adverbiais	299
As orações adverbiais nos textos	302
Síntese dos conteúdos estudados	303
Atividades	304
Da teoria à prática	306
Agora é a sua vez.....	306

4 • Período composto por coordenação • Período composto por coordenação e subordinação.....	309
Introdução	309
Período composto por coordenação.....	309
Conceito.....	309
Classificação das coordenadas sindéticas.....	311
As orações coordenadas nos textos	312
Período composto por coordenação e subordinação	313
Síntese dos conteúdos estudados	314
Atividades	315
Da teoria à prática	317
Agora é a sua vez.....	318

5 Concordância nominal.....	320
Introdução	320
Conceito.....	320
Principais regras de concordância nominal	321
Síntese dos conteúdos estudados	326
Atividades	327
Da teoria à prática	329
Agora é a sua vez.....	330

6	Concordância verbal	332
	Introdução	332
	Conceito.....	332
	Principais regras de concordância verbal	333
	Concordância do verbo com o sujeito simples	333
	Síntese dos conteúdos estudados	337
	Atividades	337
	Concordância do verbo com o sujeito composto	339
	Síntese dos conteúdos estudados	342
	Atividades	342
	Concordância do verbo ser	343
	Concordância dos verbos impessoais	345
	Síntese dos conteúdos estudados	347
	Atividades	348
	Da teoria à prática	349
	Agora é a sua vez.....	350
7	Regência verbal	
	Crase	354
	Regência verbal.....	354
	Introdução	354
	Regência de alguns verbos.....	355
	Síntese dos conteúdos estudados	359
	Atividades	360
	Síntese dos conteúdos estudados	364
	Atividades	364
	Crase.....	366
	Conceito.....	366
	Síntese dos conteúdos estudados	368
	Atividades	368
	Da teoria à prática	370
	Agora é a sua vez.....	371
8	Colocação dos pronomes oblíquos átonos	373
	Introdução	373
	O posicionamento dos pronomes oblíquos nos enunciados.....	374
	Orientações práticas.....	374
	A eufonia na colocação pronominal	375
	Colocação pronominal na variedade padrão	375

Próclise	376
Mesóclise	377
Ênclise	378
Posições do pronome junto a dois verbos.....	378
Síntese dos conteúdos estudados	379
Atividades	380
Da teoria à prática	382
Agora é a sua vez.....	383

REDAÇÃO e LEITURA

1 A descrição: revisão dos conteúdos estudados	386
Atividades	390
2 A narração: revisão dos conteúdos estudados	399
Atividades	404
3 O mundo dissertativo	414
Atividades	417
Síntese dos conteúdos estudados	422
Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	422
4 Dissertar e descrever; a delimitação do tema	425
Atividades	427
Atividades	429
Atividades	430
Síntese dos conteúdos estudados	438
Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	439

5	Dissertar e narrar; assumindo um ponto de vista	440
	Atividades	443
	Atividades	445
	Síntese dos conteúdos estudados	450
	Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	450
6	A argumentação causal; a importância dos exemplos	452
	Atividades	455
	Atividades	458
	Atividades	462
	Síntese dos conteúdos estudados	466
	Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	467
7	A estrutura do texto dissertativo	470
	Atividades	472
	Atividades	473
	Síntese dos conteúdos estudados	483
	Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	484
8	Jogos lógico-expositivos	485
	Atividades	487
	Síntese dos conteúdos estudados	500
	Como estou escrevendo? Critérios de avaliação e reelaboração de seus textos	500
	Bibliografia geral	504
	Para aprender mais	507

ANEXO D– “Sumário” da Coleção *Português – Contexto, Interlocução e Sentido*, de Marcela Pantara, Maria Bernadete e Maria Luiza Abaurre, volume 1.

 Sumário	
Literatura 1	
UNIDADE 1	
Introdução à literatura	
Capítulo 1 Arte, literatura e seus agentes 2	
Arte e representação 4	
Alguns sentidos da arte 5	
A arte da literatura 9	
Jogo de ideias 14	
Conexões 16	
Capítulo 2 Literatura é uma linguagem 18	
A linguagem da literatura 20	
Jogo de ideias 26	
Conexões 27	
Capítulo 3 Literatura é gênero I: o épico e o lírico 28	
Os gêneros literários 31	
Aspectos estruturais da poesia 41	
Jogo de ideias 44	
Conexões 45	
Capítulo 4 Literatura é gênero II: o dramático 46	
O gênero dramático 49	
As limitações dos gêneros literários 52	
Jogo de ideias 54	
Conexões 55	
Capítulo 5 Literatura é expressão de uma época 56	
Estilo de época 60	
Historiografia literária 62	
Um mesmo tema: diferentes olhares, diferentes linguagens 64	
Jogo de ideias 67	
Conexões 68	
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares 69	
	
	UNIDADE 2
	Origens europeias
	<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i> 74
	Capítulo 6 Literatura na Idade Média 76
	Idade Média: entre o mosteiro e a corte 78
	O Trovadorismo: poesia e cortesia 79
	O projeto literário do Trovadorismo 80
	O nascimento da literatura portuguesa 82
	As novelas de cavalaria 89
	Jogo de ideias 91
	A tradição da literatura medieval 92
	Conexões 94
	<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i> 96
	Capítulo 7 Humanismo 98
	Um mundo em mudança 100
	O Humanismo: um novo olhar para o mundo 101
	O projeto literário do Humanismo 101
	A produção do Humanismo em Portugal 103
	Jogo de ideias 109
	A tradição da literatura humanista: a sátira de costumes 110
	Conexões 112
	<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i> 114
	Capítulo 8 Classicismo 116
	A Europa do Renascimento 118
	O Classicismo: valorização das realizações humanas 119
	O projeto literário do Classicismo 119
	O Classicismo em Portugal 124
	Jogo de ideias 129
	A tradição do Classicismo 130
	Conexões 132
	Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares 133

UNIDADE 3**A literatura no período colonial**

<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	138
Capítulo 9 Primeiras visões do Brasil	140
A revelação do Novo Mundo	142
O projeto colonial português	143
A literatura de viagens	144
À sombra da cruz: a literatura de catequese	147
Jogo de ideias	151
A tradição dos relatos de viagem	152
Conexões	154
<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	156
Capítulo 10 Barroco	158
Tensão no mundo da fé	161
Barroco: a harmonia da dissonância	161
O projeto literário do Barroco	162
O Barroco brasileiro	169
Vieira, o engenhoso pregador português	169
Gregório de Matos: o primeiro grande poeta brasileiro	172
Jogo de ideias	175
A tradição da literatura barroca: a sátira política	176
Conexões	178
<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	180
Capítulo 11 Arcadismo	182
O Século das Luzes	184
O Arcadismo: ordem e convencionalismo	185
O projeto literário do Arcadismo	186
Portugal: o Marquês de Pombal reeduca o país	190
Bocage: poeta das manhãs claras e das noites tempestuosas	190
O Arcadismo brasileiro: a febre do ouro	192
Cláudio Manuel da Costa: os sonetos amorosos	193
Tomás Antônio Gonzaga: o pastor apaixonado	194
Outros árcades	195
Jogo de ideias	199
A tradição do Arcadismo	200
Conexões	202
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares	203

**Gramática**

207

UNIDADE 4**Linguagem**

Capítulo 12 Linguagem e variação linguística	208
Linguagem e língua	208
<i>Signo linguístico</i>	209
Variação e norma	211
<i>Variiedades regionais e sociais</i>	212
<i>Variiedades estilísticas</i>	212
<i>Mudança linguística</i>	214
Usos da gíria	216
Capítulo 13 Oralidade e escrita	218
A relação entre oralidade e escrita	218
A dimensão sonora da língua portuguesa	219
<i>A relação entre os sons da língua e a escrita alfabética</i>	220
Usos de estruturas coloquiais na escrita	222
As convenções da escrita	224
<i>A convenção ortográfica</i>	225
<i>O uso de acentos gráficos na escrita</i>	228
Usos da ortografia	231

**Capítulo 14** A dimensão discursiva da linguagem

Os elementos da comunicação	233
<i>As funções da linguagem</i>	234
O trabalho dos interlocutores com a linguagem	240
<i>A indeterminação da linguagem</i>	241
Usos singulares da linguagem	246
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares	247



Sumário



UNIDADE 5

Linguagem e sentido

Capítulo 15 A construção do sentido	250
Sentido e contexto	250
A importância do contexto	251
Sentido literal e sentido figurado	256
Conotação e denotação: relações com o texto	257
Relações lexicais	259
Relações de sentido entre as palavras	260
Usos das relações lexicais na construção da coesão textual	265
Capítulo 16 Efeitos de sentido	267
Duplo sentido	267
Duplo sentido e conotação	268
Ambiguidade: a indeterminação problemática	269
Ironia	272
A função crítica da ironia	274
Humor	278
O discurso humorístico	278
Usos do humor	282

**Capítulo 17** Recursos estilísticos: figuras de linguagem 283

Figuras de linguagem	283
Figuras sonoras	285
Figuras de palavra	288
Usos das figuras de palavra	295
Figuras de sintaxe (ou de construção)	297
Figuras de pensamento	302
Usos dos recursos estilísticos	307
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares	309



UNIDADE 6

Introdução aos estudos gramaticais

Capítulo 18 A gramática e suas partes	314
Todas as línguas têm uma gramática	314
A origem dos estudos gramaticais	316
Os níveis da descrição gramatical	316
Usos que revelam os conhecimentos gramaticais dos falantes	319
Seção especial: O português no mundo	322
Capítulo 19 A estrutura das palavras	326
As palavras e sua estrutura	326
Os elementos mórficos	327
Os diferentes tipos de morfema	328
Elementos mórficos formadores das palavras	328
Usos dos elementos mórficos	333





Capítulo 20	Formação de palavras I	334
	Composição e outros processos	334
	<i>Composição</i>	335
	<i>Outros processos de formação de palavras</i>	336
	Usos da composição	341



Capítulo 21	Formação de palavras II	343
	A formação de novas palavras por prefixação e sufixação	343
	<i>Formação lexical: palavras primitivas e derivadas</i>	343
	<i>Derivação</i>	344
	Outros processos de derivação	348
	<i>Derivação regressiva</i>	349
	<i>Derivação parassintética</i>	349
	<i>Derivação imprópria</i>	350
	Usos da derivação	352
	Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares	355
	Anexos	358



Produção de texto 367

UNIDADE 7

O discurso

Capítulo 22	Discurso e texto	368
	As marcas ideológicas dos textos	371
	<i>Imagens de mulher: os valores de uma época</i>	371
	<i>As "pistas" da formação ideológica</i>	372
	<i>Formação ideológica e formação discursiva</i>	372
	Discurso e texto: dois conceitos essenciais	375
	<i>A relação entre discurso e texto</i>	376
	Produção: um painel do perfil do jovem	376
Capítulo 23	A interlocução e o contexto	379
	Os leitores dos textos	381
	<i>O interlocutor universal</i>	382
	O texto e seu contexto	387
	<i>A relação entre contexto e interlocução</i>	388
	Produção: adequação do texto a seus interlocutores	389
	Seção especial: Procedimentos de leitura I: como ler um texto	392
Capítulo 24	Os gêneros do discurso	394
	Uma definição de gênero	397
	<i>A evolução dos gêneros</i>	398
	Os tipos de composição	398
	Produção: um painel dos gêneros discursivos	399
	Seção especial: Procedimentos de leitura II: como ler nas entrelinhas	400



Reprodução gratuita. Art. 17, II, do Código Penal e a Lei 10.924 de 1954, do Decreto 19.946 de 1932.

Sumário

**UNIDADE 8****Narração e descrição**

Capítulo 25 Relato, carta pessoal, e-mail e diário	408
Relato pessoal: definição e usos	410
Contexto de circulação	411
Estrutura	412
Linguagem	412
Carta pessoal e e-mail pessoal: definição e usos	417
Contexto de circulação	419
Estrutura	420
Linguagem	421
Diário: definição e usos	422
Contexto de circulação	423
Estrutura	424
Linguagem	424
Produção de relato pessoal	425
Conexões	426
Seção especial: Modos de narrar	428
Capítulo 26 Notícia	430
Notícia: definição e usos	433
Contexto de circulação	433
Estrutura	435
Linguagem	436
Produção de notícia	437
Conexões	439




**UNIDADE 9****Exposição e injunção**

Capítulo 27 Reportagem	442
Reportagem: definição e usos	446
Contexto de circulação	446
Estrutura	447
Linguagem	449
Produção de reportagem	451
Conexões	452
Capítulo 28 Textos instrucionais	454
Texto instrucional: definição e usos	456
Contexto de circulação	456
Estrutura	457
Linguagem	458
Produção de texto instrucional	459
Conexões	460

**UNIDADE 10****Argumentação**

Capítulo 29 Textos publicitários	462
Textos publicitários: definição e usos	464
Contexto de circulação	466
Estrutura	469
Linguagem	471
Produção de texto publicitário	473
Conexões	477
Seção especial: Falácia: recurso ou falha da argumentação	478
Capítulo 30 Resenha	481
Resenha: definição e usos	483
Contexto de circulação	483
Estrutura	484
Linguagem	486
Produção de resenha	487
Conexões	488
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares	489
Bibliografia	497

ANEXO E – “Sumário” da Coleção *Português – Contexto, Interlocução e Sentido*, de Marcela Pantara, Maria Bernadete e Maria Luiza Abaurre, volume 2.

 Sumário	
Literatura 1	
UNIDADE 1	
Romantismo	
<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	2
Capítulo 1 A estética romântica: idealização e arrebatamento. Romantismo em Portugal	4
Dia de glória dos filhos da pátria	7
O Romantismo: a força dos sentimentos	8
O projeto literário do Romantismo	9
Portugal: um país sem rei entra em crise	13
Os primeiros românticos	13
O Ultrarromantismo português	18
Uma mudança de olhar: o romance aproxima-se da realidade	20
Jogo de ideias	23
A tradição do Romantismo	24
Conexões	26
<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	28
Capítulo 2 Romantismo no Brasil. Primeira geração: literatura e nacionalidade	30
Uma corte em fuga	32
O Romantismo no Brasil: o discurso da nacionalidade	33
A poesia indianista da primeira geração	36
O projeto literário da poesia da primeira geração	36
Gonçalves Dias: os índios, a pátria e o amor	38
Jogo de ideias	47
A tradição da primeira geração romântica: as canções do exílio	48
Conexões	50
	
	
<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	52
Capítulo 3 Segunda geração: idealização, paixão e morte	54
A segunda geração romântica: uma poesia arrebatada	57
O projeto literário dos ultrarromânticos	57
Casimiro de Abreu: versos doces e meigos	63
Álvares de Azevedo: ironia, amor e morte	64
Fagundes Varela: uma poesia de transição	67
Jogo de ideias	69
A tradição da segunda geração romântica: o fascínio da morte	70
Conexões	72
<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	74
Capítulo 4 Terceira geração: a poesia social	76
Uma nação em busca de ordem	79
O Condoreirismo: a poesia clama por liberdade	80
O projeto literário da poesia da terceira geração	81
Castro Alves: o último dos poetas românticos	84
Sousândrade: a identidade americana	86
Jogo de ideias	89
A tradição da terceira geração: a poesia social	90
Conexões	92
<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	94
Capítulo 5 O romance urbano	96
O romance urbano: retrato da vida na corte	98
O projeto literário do romance urbano	98
O amor segundo Joaquim Manuel de Macedo	104
José de Alencar: um crítico dos costumes	106
Manuel Antônio de Almeida: a estética da malandragem	110
Jogo de ideias	113
A tradição do romance romântico: o diálogo com o leitor	114
Conexões	116

<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	118
Capítulo 6 O romance indianista	120
Os índios chegam às páginas dos romances	123
O projeto literário do romance indianista	123
A prosa indianista de José de Alencar	128
Jogo de ideias	135
A tradição do Indianismo: os símbolos da nacionalidade	136
Conexões	138



<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	140
Capítulo 7 O romance regionalista. O teatro romântico	142
Regionalismo: o Brasil literário amplia suas fronteiras	144
O projeto literário do romance regionalista	145
Alencar e os heróis dos sertões brasileiros	149
Visconde de Taunay e o patriarcado do interior	152
Franklin Távora: cantor do Norte	155
Bernardo Guimarães: o folhetim regionalista	155
O teatro romântico	158
Martins Pena e a comédia de costumes	160
Jogo de ideias	163
A tradição do romance regionalista: uma terra a retratar	164
Conexões	166
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares	167



UNIDADE 2

Realismo e Naturalismo

<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	174
Capítulo 8 Realismo	176
A Revolução Industrial muda a face da Europa	178
Realismo: a sociedade no centro da obra literária	179
O projeto literário do Realismo	180
Portugal: atraso e estagnação	186
Um início movimentado e polêmico...	186
Antero de Quental: a "voz" da revolução	189
Eça de Queirós e a destruição das ilusões românticas	192
Um Brasil em crise	197
Machado de Assis: um cético analisa a sociedade	197
Jogo de ideias	203
A tradição do romance realista:	
o olhar crítico para a sociedade	204
Conexões	206
<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	208
Capítulo 9 Naturalismo	210
Novas perspectivas para a origem humana	213
Naturalismo: a aproximação entre literatura e ciência	213
O projeto literário do Naturalismo	214
O Naturalismo chega ao Brasil	219
Aluísio Azevedo: o autor das "massas"	219
Um caso particular: Raul Pompeia	221
Jogo de ideias	225
A tradição do Naturalismo:	
os trabalhadores como protagonistas	226
Conexões	228
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares	230

Sumário

UNIDADE 3**As estéticas de fim de século**

<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	236
Capítulo 10 Parnasianismo	238
O Parnasianismo: a "disciplina do bom gosto"	240
O projeto literário do Parnasianismo	240
Os parnasianos brasileiros	243
Olavo Bilac, o poeta das estrelas	243
Raimundo Correia: as imagens mais sugestivas	244
Outros parnasianos brasileiros	245
Jogo de ideias	247
A tradição do Parnasianismo: a lapidação da forma	248
Conexões	250
<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	252
Capítulo 11 Simbolismo	254
O fim da era das revoluções	257
O Simbolismo: o desconhecido supera o real	257
O projeto literário do Simbolismo	257
Portugal: um país acuado pelo <i>Ultimatum</i> inglês	262
Simbolismo português: entre a forma e a saudade	263
Simbolismo brasileiro: além do real e próximo da morte	269
Cruz e Sousa: a transfiguração da condição humana	269
Alphusius de Guimaraens: o místico mineiro	271
Jogo de ideias	273
A tradição do Simbolismo: o trabalho com a forma e os sentidos	274
Conexões	276
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares	277
Seção especial: A poesia africana de língua portuguesa	280
Conexões	301



EUSTÁQUIO

Gramática**303****UNIDADE 4****Classes de palavras**

Capítulo 12 Relações morfossintáticas	304
Forma e função	304
<i>Forma linguística</i>	305
<i>Função linguística</i>	305
<i>O estudo das classes de palavras</i>	306
Usos singulares das relações morfossintáticas	308
Capítulo 13 Substantivo	309
Definição e classificação	309
<i>Classificação dos substantivos</i>	310
As flexões do substantivo	316
<i>Gênero</i>	317
<i>Número</i>	319
<i>Formas associadas à variação de grau</i>	322
Usos do substantivo	326
Capítulo 14 Adjetivo	328
Definição e classificação	328
<i>Classificação dos adjetivos</i>	330
Flexão	333
<i>A flexão de gênero dos adjetivos</i>	334
<i>A flexão de número dos adjetivos</i>	335
<i>A flexão de grau dos adjetivos</i>	335
Usos do adjetivo	341
Capítulo 15 Pronome I	343
Definição e classificação	343
<i>Pronomes substantivos e pronomes adjetivos</i>	344
<i>Pronomes pessoais</i>	346
<i>Pronomes possessivos</i>	351
Usos dos pronomes pessoais	356
Capítulo 16 Pronome II	359
Pronomes demonstrativos e pronomes indefinidos	359
<i>Pronomes demonstrativos</i>	360
<i>Pronomes indefinidos</i>	363
Pronomes interrogativos e pronomes relativos	366
<i>Pronomes interrogativos</i>	367
<i>Pronomes relativos</i>	368
Usos afetivos dos pronomes demonstrativos	372
Seção especial: Coesão e coerência: a articulação textual	374



Registado e publicado em 2011. Todos os direitos reservados. Todos os direitos reservados. Todos os direitos reservados.

Capítulo 17 Artigo, numeral e interjeição	380
Artigo	380
<i>Formas do artigo</i>	381
<i>Características semânticas dos artigos definidos e indefinidos</i>	382
Usos dos artigos definidos e indefinidos	386
Numeral	389
<i>Tipos de numeral</i>	390
Usos dos numerais	394
Interjeição	397
<i>Tipos de interjeição</i>	398
Usos das interjeições	401
Capítulo 18 Verbo I	404
Definição e estrutura	404
<i>Funções sintáticas</i>	405
<i>A estrutura interna das formas verbais</i>	405
<i>Flexões verbais</i>	407
<i>As formas nominais</i>	418
Os paradigmas das conjugações verbais	423
<i>Classificação dos verbos</i>	424
<i>Formação dos tempos simples</i>	425
<i>As três conjugações regulares: tempos simples</i>	429
Usos dos tempos verbais	434
Capítulo 19 Verbo II	436
Paradigmas verbais especiais	436
<i>Verbos irregulares e anômalos</i>	437
<i>Verbos defectivos</i>	441
<i>Verbos abundantes</i>	442
Estruturas verbais perifrásticas	445
<i>Verbos auxiliares e locuções verbais</i>	445
<i>Tempos compostos</i>	452
<i>Correlação de tempos e modos</i>	455
Usos das perífrases verbais	461

Capítulo 20 Advérbio	463
Definição e classificação	463
<i>Tipos de advérbio</i>	465
<i>Variações de grau nos advérbios</i>	467
<i>Locuções adverbiais</i>	469
<i>Palavras denotativas</i>	470
Usos dos advérbios e palavras denotativas	473
Capítulo 21 Preposição e conjunção	476
Preposição: definição e classificação	476
<i>Tipos de preposição</i>	477
<i>A preposição e as relações de sentido</i>	478
<i>Locuções prepositivas</i>	478
Usos da preposição na construção das unidades de sentido	482
Conjunção: definição e classificação	484
<i>Tipos de conjunção</i>	485
<i>Locuções conjuntivas</i>	487
Usos da conjunção para estabelecer a coesão sequencial	489
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares	492



UNIDADE 5

Sintaxe: estudo das relações entre as palavras

Capítulo 22 Introdução ao estudo da sintaxe	504
Estruturas, relações e funções	504
<i>Relações e funções sintáticas</i>	505
<i>Os enunciados da língua</i>	506
Usos da frase em contextos persuasivos	512



Capítulo 23 Sintaxe do período simples	514
Termos essenciais	514
<i>O estudo do sujeito</i>	515
<i>O estudo da predicado</i>	521
Termos integrantes	527
<i>Complementos verbais</i>	528
<i>Complemento nominal</i>	531
<i>Agente da passiva</i>	532
Termos acessórios e vocativo	534
<i>Adjunto adnominal</i>	535
<i>Adjunto adverbial</i>	536
<i>Aposto</i>	537
<i>Vocativo</i>	538
Usos do sujeito	541
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares	543
Anexos	547



Produção de texto 555

UNIDADE 6

Narração e descrição

Capítulo 24 Crônica	556
Crônica: definição e usos	559
<i>Contexto de circulação</i>	560
<i>Estrutura</i>	561
<i>Linguagem</i>	562
Conexões	566
Seção especial: Gêneros da internet	568
Capítulo 25 Biografia	574
Biografia: definição e usos	579
<i>Contexto de circulação</i>	579
<i>Estrutura</i>	580
<i>Linguagem</i>	582
Conexões	586

UNIDADE 7

Exposição

Capítulo 26 Texto enciclopédico	590
Texto enciclopédico: definição e usos	592
<i>Contexto de circulação</i>	593
<i>Estrutura</i>	595
<i>Linguagem</i>	597
Conexões	600
Seção especial: Resumir: a identificação dos elementos essenciais de um texto	603

UNIDADE 8



Argumentação

Capítulo 27 Carta argumentativa	606
Carta argumentativa: definição e usos	611
<i>Contexto de circulação</i>	612
<i>Estrutura</i>	614
<i>Linguagem</i>	615
Conexões	619
Capítulo 28 Artigo de opinião e editorial	620
Artigo de opinião: definição e usos	623
<i>Contexto de circulação</i>	623
<i>Estrutura</i>	624
<i>Linguagem</i>	626
Editorial: definição e usos	629
<i>Contexto de circulação</i>	630
<i>Estrutura</i>	630
<i>Linguagem</i>	632
Conexões	635
Seção especial: Tipos de argumento	636
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares	639
Bibliografia	650

Reprodução: Enciclopédia, v. 2, p. 3.110, de 11 de fevereiro de 1958.



ANEXO F – “Sumário” da Coleção *Português – Contexto, Interlocução e Sentido*, de Marcela Pantara, Maria Bernadete e Maria Luiza Abaurre, volume 3.

 Sumário	
<div style="background-color: #e67e22; color: white; padding: 5px; margin-bottom: 10px; display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> Literatura 1 </div> <p>UNIDADE 1</p> <p>O Modernismo</p> <p><i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i> 2</p> <p>Capítulo 1 Pré-Modernismo 4</p> <p>O Brasil republicano: conflitos e contrastes 6</p> <p>O Pré-Modernismo: autores em busca de um país 7</p> <p>O projeto literário do Pré-Modernismo 8</p> <p>Euclides da Cunha: narrador da guerra do fim do mundo 11</p> <p>Lima Barreto: a vida nos subúrbios cariocas 15</p> <p>Monteiro Lobato: a decadência do café 18</p> <p>Augusto dos Anjos: poeta de muitas faces 20</p> <p>Jogo de ideias 23</p> <p>A tradição do Pré-Modernismo: um olhar crítico para o Brasil 24</p> <p>Conexões 26</p> <div style="text-align: right; margin-top: 20px;">  </div>	<p><i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i> 28</p> <p>Capítulo 2 Vanguardas culturais europeias. Modernismo em Portugal 30</p> <p>Um agitado início de século na Europa 33</p> <p>Vanguardas: ventos de inquietação e de mudança 33</p> <p>O projeto artístico das vanguardas europeias 34</p> <p>Cubismo 36</p> <p>Futurismo 38</p> <p>Expressionismo 38</p> <p>Dadaísmo 40</p> <p>Surrealismo 41</p> <p>A herança brasileira das vanguardas 43</p> <p>O século XX chega a Portugal 44</p> <p>Modernismo português: primeiros passos 45</p> <p>Almada Negreiros: a ira contra a estagnação portuguesa 46</p> <p>Mário de Sá-Carneiro e a fragmentação do “eu” 47</p> <p>Fernando Pessoa: o poeta de muitas faces 48</p> <p>Os longos negros anos da ditadura em Portugal 58</p> <p>O “interregno” 58</p> <p>Presencismo: os escritores ensimesmados 60</p> <p>O neorrealismo português 60</p> <p>Jogo de ideias 63</p> <p>Conexões 64</p> <div style="text-align: center; margin-top: 20px;">  </div> <p><i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i> 66</p> <p>Capítulo 3 Modernismo no Brasil. Primeira geração: ousadia e inovação 68</p> <p>A República Velha chega ao fim 71</p> <p>Semana de Arte Moderna: três noites que fizeram história 73</p> <p>O projeto literário da primeira geração modernista 74</p> <p>Oswald de Andrade: irreverência e crítica 79</p> <p>Mário de Andrade: a descoberta do Brasil brasileiro 81</p> <p>Manuel Bandeira: olhar terno para o cotidiano 85</p> <p>Alcântara Machado: os italianos em São Paulo 87</p> <p>Jogo de ideias 89</p> <p>A tradição da primeira geração modernista: a poesia do cotidiano 90</p> <p>Conexões 92</p>

Aprovação provisória. Art. 188 da Constituição de 1988 (Lei 9.250/1996) de 18 de fevereiro de 1996.



EDUARDO GUARIZZI

Uma viagem no tempo: primeiras leituras	94
Capítulo 4 Segunda geração: misticismo e consciência social	96
Um mundo às avessas: guerra e autoritarismo	99
Segunda geração modernista: a consolidação de uma estética	100
O projeto literário da poesia da segunda geração modernista	100
Carlos Drummond de Andrade: poeta do finito e da matéria	104
Cecília Meireles: a vida efêmera e transitória	110
Vinícius de Moraes: o cantor do amor maior	112
Murilo Mendes: o católico visionário	114
Jorge de Lima: o católico engajado	114
Jogo de ideias	117
A tradição da segunda geração modernista: o "eu" e o mundo	118
Conexões	120

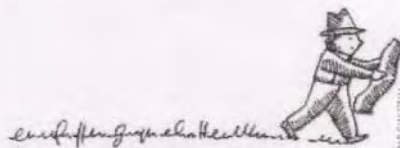


EDUARDO GUARIZZI



EDUARDO GUARIZZI

Uma viagem no tempo: primeiras leituras	122
Capítulo 5 O romance de 1930	124
A retomada de um olhar realista	126
O projeto literário do romance de 1930	127
Graciliano Ramos: mestre das palavras secas	130
José Lins do Rego: lembranças de um menino de engenho	135
Rachel de Queiroz: um olhar feminino para o sertão	137
Jorge Amado: retrato da diversidade econômica e cultural	138
Erico Veríssimo: o intérprete dos gaúchos	140
Dionélio Machado: as angústias do homem comum	142
Jogo de ideias	143
A tradição da geração de 1930: a consciência do subdesenvolvimento brasileiro	144
Conexões	146
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares	148



EDUARDO GUARIZZI

UNIDADE 2

O Pós-Modernismo

Uma viagem no tempo: primeiras leituras	160
Capítulo 6 A geração de 1945 e o Concretismo	162
O mundo após a bomba: indagações e impasses	165
A poesia em busca de um caminho	166
O projeto literário da poesia de 1945	167
João Cabral: a "máquina" do poema	170
O Concretismo	173
Ferreira Gullar: a poesia engajada	176
Jogo de ideias	179
A tradição da geração de 1945: a poesia participante	180
Conexões	182

Sumário

<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	184
Capítulo 7 A prosa pós-moderna	186
A reinvenção da narrativa	189
O projeto literário da prosa pós-moderna	191
Guimarães Rosa: o descobridor do sertão universal	195
Clarice Lispector: a busca incansável da identidade	199
Jogo de ideias	203
A tradição da prosa pós-moderna: vozes intimistas	204
Conexões	206



<i>Uma viagem no tempo: primeiras leituras</i>	208
Capítulo 8 Tendências contemporâneas. O teatro no século XX	210
Os extremos do século XX	214
A literatura do mundo contemporâneo: um espelho fragmentado	215
A ficção contemporânea em Portugal	216
Os rumos da prosa brasileira contemporânea	219
O novo lirismo português	225
Lirismo e experimentação na poesia brasileira contemporânea	227
Panorama do teatro brasileiro no século XX	230
Conexões	235
Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares	238
Seção especial: A narrativa africana de língua portuguesa	244
Conexões	261



Gramática 263

UNIDADE 3

Síntaxe do período composto

Capítulo 9 O estudo do período composto	264
A articulação das orações	264
Período composto por coordenação	266
Período composto por subordinação	268
Período composto por coordenação e subordinação	269
Usos do período composto	272



Reprodução proibida. Art. 170 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 2020.

Capítulo 10 Período composto por coordenação	274
As orações coordenadas	274
Orações coordenadas assindéticas	275
Orações coordenadas sindéticas	276
Relações coesivas	280
Usos das orações coordenadas	284
Capítulo 11 Período composto por subordinação I	286
As orações que equivalem a substantivos	286
Orações subordinadas substantivas subjetivas	287
Orações subordinadas substantivas objetivas diretas	288
Orações subordinadas substantivas objetivas indiretas	290
Orações subordinadas substantivas completivas nominais	290
Orações subordinadas substantivas predicativas	291
Orações subordinadas substantivas apositivas	292
Orações reduzidas	293
Usos das orações subordinadas substantivas	298



Capítulo 12 Período composto por subordinação II 300

As orações que equivalem a adjetivos 300

- Orações subordinadas adjetivas restritivas 302
- Orações subordinadas adjetivas explicativas 303

Usos das orações subordinadas adjetivas 308

As orações que equivalem a advérbios 310

- Orações subordinadas adverbiais causais 312
- Orações subordinadas adverbiais consecutivas 313
- Orações subordinadas adverbiais condicionais 314
- Orações subordinadas adverbiais concessivas 315
- Orações subordinadas adverbiais comparativas 315
- Orações subordinadas adverbiais conformativas 317
- Orações subordinadas adverbiais finais 318
- Orações subordinadas adverbiais proporcionais 318
- Orações subordinadas adverbiais temporais 319

Usos das orações subordinadas adverbiais 325

Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares 328

Referência: Ministério da Educação. Coleção Livro de Português. Livro 19. São Paulo: Cengage Learning, 2012.



UNIDADE 4

Articulação dos termos na oração

Capítulo 13 Concordância e regência 332

Concordância nominal e verbal 332

- Concordância nominal 334
- Concordância verbal 342
- Concordância ideológica 356

Usos da concordância 363

Regência nominal e verbal 364

- Regência nominal 365
- Regência verbal 368

Usos da regência 375

Capítulo 14 Colocação pronominal 376

Os pronomes oblíquos átonos 376

- As posições ocupadas pelos pronomes oblíquos átonos 377

Usos da colocação pronominal 383

Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares 385

UNIDADE 5

Aspectos da convenção escrita

Capítulo 15 A crase e seu uso 388

Crise 388

- Regras para o uso do sinal indicativo de crase 390
- Casos em que o sinal de crase não deve ser utilizado 392

Usos da crase 396

Capítulo 16 Pontuação 398

A pontuação no português 398

- Os sinais de pontuação 399

Usos da pontuação 410

Prepare-se: Enem, outras avaliações oficiais e vestibulares 412

Anexos 415

